CINEMA

–46

DOSSIER ESPECIAL
ENCONTRO NACIONAL DE CINECLUBES

À CONVERSA COM...
ELSA CERQUEIRA

REVISTA DA FEDERAÇÃO
PORTUGUESA DE CINECLUBES

ÍNDICE

1. EDITORIAL —3

2. IN MEMORIAM
ARMANDO DA CUNHA SANTOS
CARTA DE VÍTOR CARDOSO —4

3. CINECLUBES EM REVISTA
50 CUTS —9
AO NORTE —10
CINE CLUBE DE AVANCA —12
CENTRO DE ESTUDOS
CINEMATOGRÁFICOS —15
CINECLUBE DE FARO —18
FILA K CINECLUBE —21
CINECLUBE DE GUIMARÃES —24
CINECLUBE DA ILHA TERCEIRA —26
CINECLUBE DE JOANE —27
CINECLUBE OCPOTUS —29
CLUBE PORTUGUÊS
DE CINEMATOGRAFIA
/CINECLUBE DE PORTO — 31
CINECLUBE DE TOMAR —33
CINE CLUBE DE TORRES NOVAS —34
CINECLUBE DE VILA DO CONDE —35
CINE CLUBE DE VISEU —36

4. ERA UMA VEZ...
IMPRENSA DE CINEMA PORTUGUESA:
DAS ORIGENS AOS PRIMEIROS ANOS
JOANA ISABEL DUARTE —38

5. DOSSIER ESPECIAL
ENCONTRO NACIONAL
DE CINECLUBES —44
REENCONTROS
JOÃO PAULO MACEDO —46
A IMPORTÂNCIA DO CINECLUBISMO
LAURO ANTÓNIO —48
OUVIR CINEMA
SÉRGIO DIAS BRANCO —52

6. À CONVERSA COM...
ELSA CERQUEIRA —56

7. PANORAMA
DIA DO CINECLUBE
PAULO CUNHA —62
SILÊNCIO, QUE SE VAI OUVIR JAZZ
AGNÈS PELLERIN —66

8. VÁRIA —70

[IMAGENS DE CAPA]

FILIPE RODRIGUES (*STONES*, FERENC CAKÓ, 2001)

KOIKYS (*TIO TOMÁS - A CONTBILIDADE DOS DIAS*, REGINA PESSOA, 2019)

MÁRCIA LUÇAS (*A VIAGEM DE CHIHIRO*, HAYAO MIYAZAKI, 2001)

1 EDITORIAL

Dois Mil e Dezanove ficará na memória cineclubista como o ano em que se instituiu o Dia do Cineclube, uma iniciativa da Federação Portuguesa de Cineclubes (FPCC) que pretende valorizar o trabalho desenvolvido por dezenas de cineclubes em todo o território nacional. Com uma apreciável cobertura da parte da comunicação social, o Dia do Cineclube cumpriu o seu objetivo, mas a luta por uma cultura cinematográfica mais plural e democrática continuará nos próximos anos.

Dois Mil e Dezanove foi ainda o ano do vigésimo quarto Encontro Nacional de Cineclubes, que aconteceu entre 8 e 10 de novembro, na Cúria, Anadia, organizado pela FPCC e pelo CineClub Bairrada. Foi um momento importante de encontro e debate sobre o movimento cineclubista na atualidade. A par do encontro nacional, o evento acolheu também os trabalhos do Encontro Internacional da Federação Internacional de Cineclubes, com a presença de delegados de diversos países. O dossier especial deste número integra alguns textos que foram escritos a pretexto deste importante encontro de dirigentes cineclubistas.

Dois Mil e Dezanove também ficará tristemente lembrado como o ano em que faleceu o histórico cineclubista Armando Cunha Santos, uma figura incontornável do Cine Clube do Barreiro e do cineclubismo português. Para comemorar o seu legado, e lembrar a sua intensa atividade, pedimos a Vítor Cardoso que deixasse o seu depoimento nestas páginas.

O número 46 da revista Cinema pretende assinalar estes e outros momentos da vida cineclubistas portuguesa, com especial destaque para a secção Cineclubes em revista, mas também trazer textos que nos permitem conhecer um pouco mais sobre temáticas relevantes para a história do cinema e do cineclubismo em Portugal, onde destacamos o texto de Joana Isabel Duarte e a conversa com Elsa Cerqueira.

A todos os autores que gentilmente enviaram os seus textos, o nosso sincero agradecimento. Aos leitores que os lerão, ficam votos de que estas leituras possam ajudar a conhecer e compreender melhor o espírito cineclubista.

2 IN MEMORIAM

ARMANDO DA CUNHA SANTOS

CARTA DE VÍTOR CARDOSO

Figura histórica do movimento cineclubista português, Armando José da Cunha Santos (1934-2019) resistiu e lutou contra o regime fascista, tendo sido detido na cadeia de Peniche, em 1957, e prisão de Caxias e Aljube, em 1963. Para além de participar ativamente em diversas associações, destacou-se sobretudo pela ligação de mais de 50 anos ao Cine Clube do Barreiro, onde foi presidente da Direção e da Assembleia-Geral, tendo também desempenhado função enquanto membro da direção da Federação Portuguesa de Cineclubes. Para lembrar a sua intensa atividade associativa, a revista Cinema convidou quem melhor o conheceu para prestar um depoimento: Vítor Cardoso, um amigo de longa data, que nos enviou a carta que aqui reproduzimos.

(1)

Evocando
Armando da Cunha Santos

Mesmo como jornalista é muito difícil escrever sobre um amigo com o qual estivemos tantos anos a lutar pelo Cineclubismo.

A última vez que estive com ele foi quando a seu convite, como sócio-fundador e antigo dirigente do Cine-Clube do Barreiro, fiz na Sede do Cine-Clube um depoimento integrado no Dia dos Cine-Clubes acerca da história da actividade do CCB.

Eu ia falando e ele ia completando alguns pormenores desse dia de 14 de Abril de 2019.

Cunha Santos, como ele gostava de assinar os seus artigos em comunicados e intervenções em emissões publicações do seu Cine-Clube, afirmava num encontro efectuado no Auditório Municipal Augusto Cabrita "a necessidade de um debate sobre "Cultura, Cinema, Cineclubismo" para se encontrar uma matriz de intervenção futura dos cine-clubes na vida cultural portuguesa" Estávamos a 17 de Janeiro de 2009.

Veja-se já a sua preocupação pelo fu

(2)

Eco do cineclubismo no nosso País.

Afirmava mesmo que "a juventude não encontra no cinema americano, proposto ao seu consumo, as questões do seu dia a dia sem escola, sem saídas profissionais, sem garantia de emprego, sem espaços de encontro e diálogo para colocar as suas interrogações"

Difusor e interveniente em muitas outras iniciativas como o Guia Documental do Arquivo do Cine-Clube do Barreiro, publicado pela Câmara Municipal do Barreiro e apresentado em 18 de Junho de 2011, e em anos anteriores, o Encontro Cineclubista (28 de Novembro de 1998), os 100 Anos da 1ª Projecção de Cinema no Barreiro (9 de Dezembro de 2006), do Atelier de Vídeo (Abril de 2009), foi o Presidente de Direcção que mais anos esteve à frente do Cine-Clube do Barreiro.

Logo após o 25 de Abril de 1974, o Cine-Clube, sem direcção, porque a maior parte dos seus dirigentes tomou posição em cargos políticos, o Cine-Clube continuou com a sua colaboração, a minha, e de Vicente Bolina para que

(3)

o mesmo continuasse a sua actividade.

Muito mais falta certamente por dizer, mas fica de Armando da Cunha Santos uma figura ímpar do Cine-Clube de Bauru e da Federação Portuguesa dos Cine-Clubes a quem sempre deu um constante apoio.

Vítor Cardoso
Sócio-fundador e
antigo dirigente do
Cine-Clube de Bauru

Outubro/2019

3 CINECLUBES EM REVISTA

50 CUTS

AO NORTE

CINE CLUBE DE AVANCA

CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRÁFICOS

CINECLUBE DE FARO

FILA K CINECLUBE

CINECLUBE DE GUIMARÃES

CINECLUBE DA ILHA TERCEIRA

CINECLUBE DE JOANE

CINECLUBE OCPOTUS

CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMATOGRAFIA/ CINECLUBE DE PORTO

CINECLUBE DE TOMAR

CINE CLUBE DE TORRES NOVAS

CINECLUBE DE VILA DO CONDE

CINE CLUBE DE VISEU

50CUTS

www.facebook.com/50cuts.associacaocinematografica

Falar da atividade do Cine50Cuts é falar da 50Cuts Associação, associação criada em 2015 e sediada desde fevereiro de 2017 em Setúbal, porque têm os mesmos associados e como objetivo promover o cinema alternativo e contribuir para a literacia fílmica e enriquecimento do tecido cultural da comunidade na qual estão inseridos.

Assim, ao longo de 2019, exibimos no Espaço 50Cuts longas-metragens cuja temática possibilitou a participação do público em debates orientados por convidados. Foram exibidos "Blow up", "Os meninos que enganaram os Nazis"; "A vida secreta das Abelhas"; "O Piano", "As irmãs de Maria Madalena", "Imagens Proibidas", "Ciúme", "Campo", "O Crepúsculo dos Deuses", "Eva" e "Noite de Estreia".

Porque o cinema tem um enorme potencial pedagógico junto das crianças e contribui para a inclusão de pessoas com deficiência, promovemos as "Curtas para Bebés" e "As Curtas vão à Escola", em parceria com o programa Set' Curtas da Câmara Municipal de Setúbal, que possibilitou a exibição de curtas metragens nas escolas do concelho, e ainda o projeto "Leva-me ao cinema", com sessões realizadas no Espaço 50cuts para utentes do CajAPPACDM, para crianças do Centro Comunitário de S. Sebastião e para jovens do Centro Social de Palmela/CAT.

A mesma parceria permitiu as *Conversas com Realizadores* no Auditório Charlot, com a exibição de "A Fêmea", "Red Queen" e "Calipso", sessão seguida de uma conversa com Diana Lima e Pedro Martins; de "Djon África" com a presença de Filipa Reis e João Miller Guerra; "Alfaião", de André Almeida, e "Almirante Reis em 3 Andamentos", de Renata Sancho, agendado para o dia 29 de Novembro com a presença da realizadora, estes últimos exibidos no Espaço 50Cuts.

Divulgámos o trabalho de novos realizadores, levando à Casa da Cultura/ Pátio do Dimas a 4ª edição das "Curtas e Caipirinhas". Foram apresentadas seis curtas de Adriana Martins, Bere Cruz, Carlos Silveira, Denise, Francisca Mendes e Francisca Mourão.

2019 foi o ano de arranque do *Cinema na Rua*, iniciativa proposta e apoiada financeiramente pela Câmara Municipal de Setúbal, que promovemos em parceria com as Juntas de Freguesias do concelho de Setúbal. Exibimos na zona urbana e rural os filmes: "Charlie e a Fábrica de Chocolate", "Os Gatos não têm Vertigens", "A Gaiola Dourada", "O Meu Tio", "A família Bélier", "Há Festa na Aldeia", "Cinema Paraíso" e "Portugal tem Lata".

Participámos na iniciativa autárquica *Setúbal Film Fest / Cinema Mudo Musicado ao Vivo*, promovendo um workshop de cinema de animação para crianças dado pelo ateliê "Math's good" e uma palestra sobre a simbiose cinema / música pelo músico Aurélien Lino.

O *3º Encontro de Realizadores e Produtores de Cinema*, realizado com o apoio da Câmara Municipal de Setúbal, juntou gente do cinema interessada em debater o papel das Escolas no ressurgimento do Cinema Português. Contou com um painel de oradores constituído pelo docente Manuel Damásio, da Universidade Lusófona, e os realizadores Hugo Diogo, Inês Oliveira e João Bordeira.

O cinema acompanhou tertúlias literárias e concertos para assinalar o Dia da Mulher, a Revolução dos Cravos, os 90 anos de Zeca Afonso, Bocage e o Dia da Cidade e o centenário do nascimento de Sophia.

AO NORTE

www.ao-norte.com

A Associação Ao Norte foi fundada em dezembro de 1994 e é uma organização sem fins lucrativos, com sede em Viana do Castelo, que alia a atividade cineclubista à formação e à produção.

No último semestre de 2019, e para além das Sessões Cineclubistas semanais e das atividades de formação com as escolas, destacamos: a realização do Montaria09-Documentário e Património Rural, que ocorreu nos dias 19, 20 e 21 de julho, na freguesia de S. Lourenço da Montaria, uma iniciativa na área do cinema e do património que tem como objetivos promover o documentário e o filme etnográfico e valorizar o património e os recursos endógenos; o MDOC-Festival Internacional de Documentário de Melgaço, realizado entre 29 de julho e 4 de agosto.

Este Festival, organizado com a parceria da Câmara Municipal de Melgaço, pretende promover e divulgar o cinema etnográfico e social, refletir com os filmes sobre identidade, memória e fronteira e contribuir para um arquivo audiovisual sobre o território.

O MDOC foi marcado por alguns eixos principais:

– Mostra dos documentários candidatos ao prémio Jean Loup Passek. Foram selecionados filmes que mostraram o ponto de vista dos autores sobre questões sociais, individuais e culturais relacionadas com identidade, memória e fronteira;

– Organização do Curso de Verão Fora de Campo, um encontro de reflexão, debate e desenvolvimento de pesquisa e práticas criativas no âmbito do Cinema, das Ciências Sociais, das Artes e das Ciências da Comunicação, em 2019 em torno do tema Identidade e Memória-Narrativas contemporâneas;

– Realização do Plano Frontal, residência cinematográfica e residência fotográfica que produziu documentários e projetos fotográficos sobre a região;

– Kino Meeting: um encontro internacional de serviços educativos de cinema;

– Quem somos os que aqui estamos?, um projeto que interroga o espaço geográfico e a sociedade local, este ano dedicado a Prado e Remoães, freguesia do concelho de Melgaço.

O Festival contou pela primeira vez com um Júri da Federação Internacional de Cineclubes que atribuiu **o prémio D. Quix**ote a um dos filmes a concurso, tendo por base a filosofia do movimento cineclubista, em particular a Carta de Tabor que assegura os direitos do público, e a utopia de Dom Quixote.

Ao longo de 25 anos de atividade, o cineclube Ao Norte tem assumido um importante papel na divulgação da cultura cinematográfica através da exibição regular de filmes, na promoção da literacia fílmica com projetos de formação orientados para as escolas, na valorização da fotografia enquanto veículo de expressão pessoal e instrumento de preservação da memória, e na produção de documentários de carácter etnográfico e social.

CINE CLUBE DE AVANCA

www.avanca.com

Pela primeira vez, a Cinemateca Portuguesa exibiu um conjunto significativo de filmes de animação que foram produzidos pelo Cine Clube de Avanca (CCA). Marcando a reabertura em setembro das atividades da Cinemateca Portuguesa, os filmes foram exibidos no dia 2, numa sessão especial que contou com a presença de vários realizadores dos filmes. Esta deslocação de filmes e pessoas a Lisboa tem um particular significado para a produção cinematográfica de Avanca, onde o cinema de animação produzido tem uma marca forte na história do cinema de animação português. Foi em Avanca que se produziu a primeira, e até agora única, longa-metragem da animação portuguesa e também a curta-metragem "Conto do Vento", de Cláudio Jordão e Nelson Martins, que é a mais premiada de entre os filmes da animação produzidos exclusivamente no nosso país. Este foi um dos filmes exibidos na Cinemateca, e também o filme de ficção-científica "15 bilhões de fatias de (-) + Deus", realizado em 2012, o ano em que o cinema português não teve qualquer apoio estatal. A paisagem à volta de Avanca esteve representada no filme "A ria, a água, o homem...", de Manuel Matos Barbosa. Entre os outros filmes em exibição, esteve "Um gato sem nome", uma surpreendente realização de Carlos Cruz, e "Lágrimas de um palhaço", de um dos mais profícuos e independentes realizadores da animação portuguesa, Cláudio Sá. As realizadoras têm uma forte presença nesta seleção que incluiu "A Minha Casinha", de Maria Raquel Atalaia, "Foi o fio...", de Patrícia Figueiredo, "Mulher sombra", de Joana Imaginário, e "Sendas", o mais recente filme de Raquel Felgueiras. A mostra incluiu ainda o vídeo musical "Navegar", com Helena Caspurro, de Carlos Silva e Pedro Carvalho de Almeida, e a animação produzida durante um dos festivais de cinema Avanca, da autoria de Moisés Rodrigues, "Rodar".

A convite do Banjaluka 2019 - International Animated Film Festival, o cinema de animação produzido em Avanca esteve em exibição na Bósnia Herzegovina em outubro. Numa retrospetiva do cinema português de animação, o festival exibiu nove filmes que marcam diferentes momentos da criação cinematográfica que tem acontecido em Avanca. Do desenho animado à animação 3D, os filmes foram realizados por 10 realizadores entre 2008 e 2016. O festival de Banjaluka comemorou este ano a sua 12ª edição enquanto evento deste país, mas dá continuidade a outro festival idêntico da ex-Jugoslávia. O cinema de animação sempre teve uma forte presença nos países dos Balcãs e esta mostra é a confirmação da qualidade do cinema que tem sido produzido em Avanca.

Para além dos filmes que tinham sido exibidos na Cinemateca Portuguesa, foi igualmente projetado o filme "O Acidente", de André Marques e Carlos Silva, um filme que afirma o desenho e a animação como se o filme não tivesse sido acabado.

Quatro filmes produzidos pelo Cine Clube de Avanca participaram nas comemorações da edição número 70 do Festival Internacional de Cinema de Curta Metragem de Montecatini, em Itália. Este festival é o mais antigo de todos os eventos de curtas-metragens em atividade no mundo.

Nascido nesta conhecida cidade termal da Toscana italiana, ao longo do seu historial foi sendo um ponto de encontro do cinema independente italiano com o cinema de todo o mundo. Presidido desde há alguns anos por Marcelo Zeppi, este festival tem a particularidade de ter sido criado pela Federação Italiana de Cineclubes (Fedic). Os filmes de Avanca foram apresentados em Itália pela cineclubista Júlia Rocha. Entre as obras escolhidas, esteve a curta metragem de José Miguel Moreira intitulada "Carnaval Sujo", filme rodado em Ovar e cuja trama acontece num cenário onde se referência uma antiga tradição carnavalesca desta cidade. "5 Cigarrilhas" foi outro dos filmes seleccionados, da autoria de Passos Zamith que se encontra a rodar um novo filme, cujas filmagens na região são alvo de apoio do novo Avanca Film Fund. Francisco Colombo é outro dos autores com filme presente em Itália. Trata-se da coprodução luso-brasileira "Avesso", uma ficção que reúne vários bandidos. O último filme é um documentário realizado por Gustavo dos Santos e intitulado "Magister".

Neste filme é possível acompanhar o trabalho do encenador do Porto, Júlio Cardoso. O festival Avanca tem uma parceria de longa data com este festival italiano.

O filme "Antes que a noite venha – Falas de Antígona", que Joaquim Pavão realizou durante o "Creative Film Workshops", voltou a ser premiado nos EUA, desta vez na cidade de Las Vegas. Os Vegas Movies Awards atribuíram Prémio de Excelência à Música Original de Joaquim Pavão e ao Produtor António Costa Valente. Distinguiram ainda o filme com os Prémios de Prestígio para a Melhor Curta Metragem Independente, Melhor Montagem (Joaquim Pavão), Melhor Guarda Roupa (Tucha Martins), Melhor Fotografia (José Oliveira) e Melhor Atriz (Isabel Fernandes Pinto). Construído sobre o texto "Antes que a noite venha", de Eduarda Dionísio, este filme revela uma mulher que nos acompanha há vinte e cinco séculos, desde que Sófocles a apresentou à democracia ateniense, nas Grandes Dionisíacas. Tendo sido o filme de abertura do 22º Festival internacional de Cinema Avanca 2018, esta obra tinha sido rodada dois anos antes, durante a vigésima edição deste mesmo festival, tendo sido filmado no calor do verão, num amplo espaço de cultivo e nos limites de um pinhal em Avanca. Tendo sido seleccionado e exibido em diversos festivais de cinema, o filme "Antes que a noite venha – Falas de Antígona" acumula um total de 19 prémios e uma Menção Honrosa, a que se junta a nomeação para os Prémios Sophia na categoria de curta-metragem de ficção.

Tendo o Festival Curta Açores comemorado a sua décima edição, dois filmes produzidos em

parcerias pelo Cine Clube de Avanca estiveram em exibição. Tratou-se das curtas-metragens de ficção "Carnaval sujo", de José Miguel Moreira, e "A Tua Vez", de Cláudio Jordão e David Rebordão. Refira-se que este festival é uma organização do Clube de Cinema da Ribeira Grande, federado na FPCC.

Exibido fora de competição, a longa metragem de Luís Diogo "Pecado Fatal" integrou a programação do Almaty Film Festival, no Cazaquistão. O Cine Clube de Avanca integrou o júri internacional, que foi presidido pelo cineasta Hugh Hudson ("Chariots of Fire"), pela atriz Samal Yeslyamova (Palma de Ouro Melhor Atriz em Cannes 2018), Takeo Hisamatsu (Presidente do Festival de Tóquio) e pela produtora russa Natalya Ivanova.

O documentário "Pretu Funguli", com o artista plástico guineense Nú Barreto, de António Costa Valente e Monica Musoni, foi distinguido com um "Diploma do Júri" no 16º Kinolitopys – Festival Internacional de Cinema Documental de Kiev, na Ucrânia, "pela divulgação da vida de pessoas criativas na sociedade". "Pretu Funguli" é um filme sobre o encontro da criação artística com as descriminações sociais. "Funguli" é uma expressão crioula usada de maneira discriminatória. Este termo foi revivido pelo artista visual guineense Nú Barreto, que o transformou num conceito visual.

O filme acompanha o artista pelo Brasil, Guiné-Bissau, Macau e Paris, onde vive e trabalha. Somos convidados a mergulhar na sua vida e obra, a fim de entender o seu processo criativo e os conflitos em que vive o artista. Este filme é uma coprodução com a Guiné-Bissau e a Bélgica.

Da animação ao documentário, passando pelo espaço experimental e pela ficção, a produção do Cine Clube de Avanca tem sido constante e a acompanhar a sua atividade cineclubista de exibição de cinema de qualidade nas suas múltiplas exibições e nos diversos eventos que vem organizando ao longo do ano. Filmes como "Antes que a noite venha – Falas de Antígona", "A Tua Vez", "Carnaval sujo", "5 Cigarrilhas", e as longas-metragens de Luís Diogo, marcam a aposta do Cine Clube de Avanca na coprodução de ficção, acompanhando uma já anterior tendência nos outros géneros.

Nestes filmes, para além dos coprodutores, intervieram várias entidades públicas que têm vindo a tornar possível este fluxo produtivo. O Cine Clube de Avanca deixa por isso o seu agradecimento ao ICA, ao IPDJ, às juntas de Avanca, Frazão, Paços de Ferreira e aos municípios de Castelo Branco, Celorico de Basto, Estarreja, Ovar, Paços de Ferreira e Vila do Conde.

ANTÓNIO COSTA VALENTE

CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRÁFICOS

www.cecine.com

Embora nos seus bastidores nunca se deixe de marcar passo, o Festival Caminhos do Cinema Português regressa aos trilhos públicos da ribalta, naquela que é a sua vigésima-quinta edição. Atingindo assim um quarto de século de existência, o evento presta-se mais uma vez à sua tarefa anual de apresentar ao público português um cardápio variado da 7ª arte nacional, não só celebrando o seu passado e presente mas também vislumbrando-se o futuro. Nesse intento evolutivo, há espaço para novidades, como é o caso da Secção "Outros Olhares" que, no seu segundo ano, é promovida à categoria de índole competitiva, à semelhança da Selecção Caminhos. Recorde-se pois o intento do Festival em premiar os filmes exibidos no final de cada edição, quer pela apreciação crítica do seu Júri, quer pela opinião apurada dos espectadores, manifesta pelo Prémio do Público Chama Amarela.

Esta edição ficou marcada pela entrega do prémio Ethos a Isabel Ruth, figura lendária do cinema nacional pelo seu protagonismo em "Os Verdes Anos". A actriz marcou igualmente presença no grande ecrã pelas lentes narrativas de outros nomes lendários do cinema nacional como João Botelho, Teresa Villaverde ou Manoel de Oliveira. Detentora de uma vasta carreira e uma filmografia imponente onde habitualmente colaborou com Pedro Rocha, um dos fundadores do Novo Cinema.

Abertas assim as hostilidades, o festival avançou no seu itinerário principal, com a Selecção Caminhos, com uma variedade de curtas-metragens, o formato por excelência dos cineastas portugueses. Tais trilhos singulares bifurcam-se para paisagens mais inusitadas e exóticas, respectivamente, com a Selecção Ensaios na sala NOS do Alma Shopping e os Outros Olhares no Mini-Auditório Salgado Zenha. O Caminhos continuou pela dimensão do bizarro com o Turno da Noite, uma das novidades da programação do festival que consiste numa sessão a realizar-se a partir da meia-noite no Mini-Auditório Salgado Zenha, dedicada ao cinema de culto mais noctívago e fantástico feito em Portugal.

A chuva pela cidade de Coimbra não dissuadiu o público do Caminhos que se mostrou receptivo à presença de **Leonardo Simões**, director de fotografia do filme "Vitalina Varela". O habitual colaborador de Pedro Costa – distinguido há um par de dias com o prémio de Melhor Fotografia do Festival Gijón – participou numa sessão de perguntas do público após o filme, esclarecendo alguns pormenores acerca dos bastidores da sua imagética. Um diálogo que serve enquanto exemplo de como o Festival Caminhos permite criar pontes entre os espectadores defronte o ecrã os artistas por detrás das câmaras.

Realçando o teor de comunicação entre realizadores e espectadores, o Caminhos incentivou as **MasterSessions "O Meu Cinema"**, às 18h na Sala do Carvão, Casa das Caldeiras nos dias . Neste espaço de diálogo moderado por **Sérgio Dias Branco**, estiveram presentes os cineastas **Tiago Afonso** (dia 27) e **João Maia** (dia 28) e **Paulo Carneiro** (dia 29).

Tal conjugação é manifesto da ideia fulcral da música enquanto parte essencial do cinema e o Caminhos não descura tal dimensão da cultura portuguesa no que toca à 7ª arte. Facto notório, aliás, desde a cerimónia de abertura destas Bodas de Prata do festival, com o tributo de **Stereossauro** aos acordes de Carlos Paredes, e que desde então se tem propagado pelos grandes ecrãs de Coimbra, exibindo quer de curtas assinadas por artistas musicais como **"Amor Quântico"** de Paulo Furtado, quer de documentários sobre figuras lendárias como **"Um Punk Chamado Ribas"** de Paulo Antunes. A harmonia é temática igualmente presente em muitos dos trabalhos exibidos nesta edição, como se denotou com "**Invisível Herói**", curta que presta homenagem às sonoridades culturais de Cabo Verde. E como certamente se denotará em "**Variações**" de **João Maia**, filme sobre a vida e obra de António Variações, um dos grandes cantautores da música nacional.

Chegados à recta final deste quarto de século do Festival Caminhos do Cinema Português, celebra-se a variedade criativa das curtas da 7ª arte nacional. O formato curta denota-se como o mais popular de entre os autores

cinematográficos de Portugal e os Caminhos deste ano não desmentem tal tendência. No entanto, aponta-se é um número menor de projectos de animação, embora o género se mantenha vivo com curtas como "Moulla" de Rui Cardoso, "O Peculiar Crime o Estranho Sr. Jacinto" de Bruno Caetano e "Les Extraordinaires Mésaventures de la Jeune Fille de Pierre" de Gabriel Abrantes. Esta última curta – que figurou na cerimónia de abertura – embora não seja totalmente de animação, envereda por uma mistura de animação computadorizada com imagem real, talvez um sinal de que os criadores de animação em Portugal estejam a preparar-se para abraçar as técnicas do CGI.

Entretanto, com grande fulgor permanece a lente documental, que não dá sinais de qualquer trégua criativa no cinema português. A maior motivação dos cineastas em Portugal continua a centrar-se no captar do quotidiano pela via de fotogramas da realidade, seja para enquadrar ensaios ficcionais ou poemas criativos, seja mesmo para apresentar o mundano a olho nú. Embora este ano no campo das longas-metragens o regresso de Pedro Costa tenha recebido meritório destaque, a ribalta não ficou esquecida perante as imagens em movimento assinadas por Tiago Hespanha (em "Campo"), José Filipe Costa (em "Prazer, Camaradas") ou Tiago Siopa (em "Fantasmas: Caminho Longo para Casa"). Por este cinema verídico e autêntico vive-se a actualidade e o povo português, algo amargurado mas sempre esperançoso, tal qual o esquema de cores da bandeira.

Realce-se igualmente não só o exibido no grande ecrã, mas o público que se reuniu em frente ao mesmo no decorrer desta semana. Apesar do tempo pluvioso e por vezes nada convidativo a sair de casa, o Caminhos permanece um festival com um público fiel que este ano foi ocasionalmente crescendo a olhos vistos em casos pontuais como "Tristeza e Alegria na Vida das Girafas" de Tiago Guedes ou "Variações" de João Maia. Agradece-se igualmente a presença de todos os realizadores e actores que durante esta pisaram o palco em frente ao ecrã após os filmes para pequenas sessões de diálogo, pois um dos grandes proveitos deste Festival é como transforma a cidade dos estudantes em nexo comum e central do cinema português.

E mesmo que tal metamorfose seja infelizmente temporária, nunca deixa de ser louvável. Parabéns mais uma vez aos Caminhos, que esta travessia dure até (pelo menos) às Bodas de Ouro.

CINECLUBE DE FARO

cineclubefaro.pt

Primeiramente entre outubro e maio, mensalmente ao domingo de manhã e ao domingo à tarde. Agora, reformulando esta programação que procura desenvolver a aproximação a novos públicos, estabelecemos um novo período: de outubro a março.

Ao domingo de manhã, para M/4 acompanhados por adultos (sendo que os M/6 têm a possibilidade de deixar a família na esplanada), procuramos exibir aquele cinema recente que não passou nas salas comerciais e, sempre que possível, de origem não norte-americana. Ao domingo à tarde, para M/12, a sala também se compõe com miúdos e graúdos e procuramos exibir filmes da história do cinema, distribuímos gratuitamente folha de sala e organizamos as 2 temporadas por ciclos temáticos.

Contamos com uma rede de transportes públicos, inexistente à noite e pouco eficiente durante o fim-de-semana, no entanto os domingos têm vindo a favorecer aquele público que ainda não conduz e também aquele que já não conduz transporte próprio.

Um ciclo extenso em homenagem ao cineclubista e professor Vítor Reia-Baptista traz alunos e colegas da Universidade do Algarve como alunos do ensino secundário de forma espontânea. Temos distribuição gratuita de folha de sala e conversas depois do filme com convidados.

Os ciclos temáticos de cine-conversas, onde se revê um filme já exibido (entre café, chá, bolos e vinho doce se desenrolam conversas com a sala cheia), trazem públicos que não frequentam com regularidade a programação do Cineclube de Faro no auditório do IPdJ. A pedido de escolas, associações e do próprio IPdJ estas já aconteceram no auditório deste Instituto para público-alvo específico.

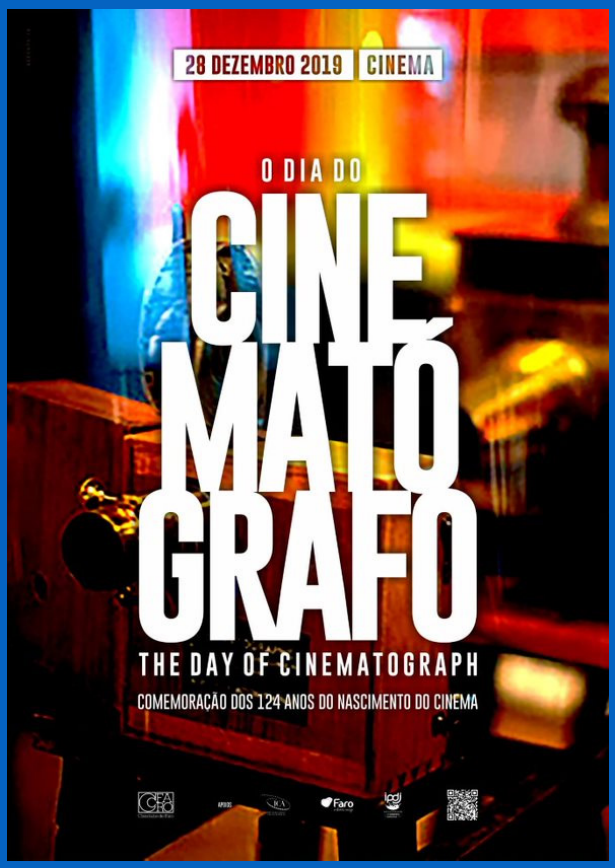
A Escola vai ao Cineclube é uma atividade que desenvolvemos mediante solicitação das escolas superiores e por turmas do ensino básico e secundário que não estão abrangidas no Programa JCE. Divide-se em 3 parte durante 4 horas: visita guiada; história e coleções; exibição fílmica indicada pelos docentes e aula de exploração com

materiais pedagógicos próprios.

A Oficina das Viagens em Milreu surgiu como um projeto de oficinas nas ruínas romanas de Milreu em Estoi (Faro), financiado pelo programa de Dinamização e Valorização dos Monumentos (DIVaM) da Direção Regional de Cultura do Algarve e apoiado pela União de Freguesias de Conceição e Estoi, onde miúdos e graúdos tiveram a oportunidade de em conjunto trabalharem sem diferenças nem preconceitos para a concretização de um produto individual ao longo de quatro sessões no monumento e outras mais de trabalho e acompanhamento na escola e na sede da Junta de Freguesia de Estoi. O projeto culminou com entrega e apresentação pública dos resultados no monumento à comunidade onde despertou o interesse e a vontade por parte dos fregueses no visionamento do filme exibido. Ao que o Cineclube respondeu afirmativamente levando 'Azur e Asmar' de M. Ocelot à comunidade.

Em vários recintos da cidade surgiu o ZOOM IN, um novo projeto: ciclo concentrado à volta da obra de um autor, vivo, trazendo-o para o centro do diálogo e convívio com o público em geral e com as escolas e faculdades em particular, acompanhado por amigos/colegas próximos ao seu trabalho.

Na noite de 28 de dezembro de 1895, 33 pessoas assistiam à primeira sessão paga de cinema, pela mão dos irmãos Lumière que aperfeiçoaram um processo de produção de imagens em movimento e patentearam o cinematógrafo. Essa máquina, relativamente leve e transportável, continha uma câmara e um projetor o que permitia registar e reproduzir em tela para uma audiência. O serão mágico no Grand Café, em Paris, marca o nascimento da exibição comercial e, uma vez mais, é celebrado pelo Cineclube de Faro com exibições de cinema (este ano com dois filmes de entrada gratuita), cine-jantar para 33 convivas (pré-inscritos), com menu francês e recriação visual à época, terminando com tertúlia pela noite dentro com chocolate quente e vinho doce. Esta atividade destaca-se desde há quatro anos como um momento alto de conversas pela madrugada fora.



Enquadrando bússolas: uma a oeste vinda do *mainstream* tentando enfatizar o dia mundial do cinema porque nesse tal dia foram estreados alguns *blockbusters* com o maior êxito de bilheteira; a outra a este, nascida no seio da europa, tentando reunir o calendário de festividades pagãs em torno de uma efeméride astrofísica para unir povos e esforços... o dia do cinematógrafo (Cineclube de Faro) sublinha uma data com relevância para o próprio cinema como o conhecemos nos nossos dias!

Somos daquela estirpe abnegada que acredita ser possível fazer qualquer coisa pela cultura menos faustosa mas por aquela que deixa resíduos e que eleva cada um promovendo a troca de ideias e muitas conversas.

Acreditamos também que o público / os sócios / os dirigentes clubistas mais ou menos próximos se organizam para um ambiente democrático adequado às novas tendências facilitadoras de comunicação e promoção de um cinema menos visível. Delegando as pastas com os seus saberes para incluir todos os que a nós chegam.

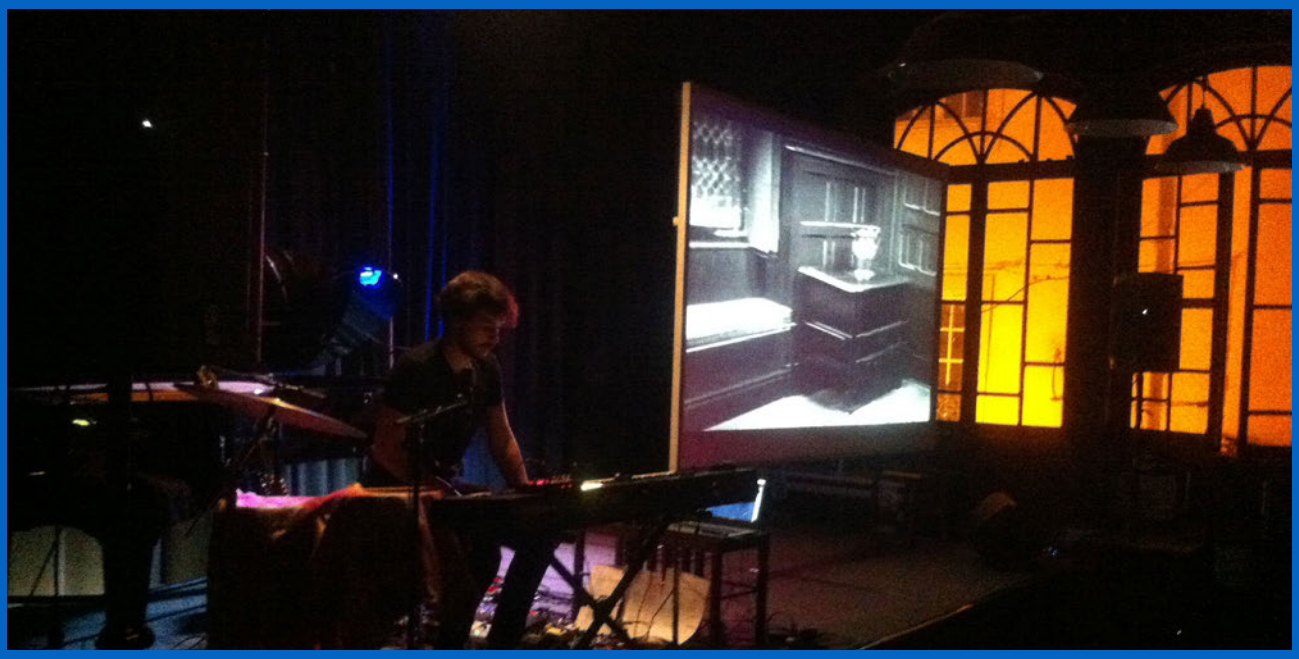
Conscientes da nossa boa contribuição quantitativa, não são os números positivos que damos ao sector... São experiências e um tempo de vida com qualidade!

Todos juntos damos luz à sala escura e alimentamos a vida dos filmes quando convivemos e partilhamos o que vimos.

ISA CATARINA MATEUS

FILA K CINECLUBE

www.facebook.com/FILA-K-CINECLUBE-125300547491147



A programação da Fila K Cineclube para 2019 teve 65 sessões, entre 15 de Janeiro e 10 de Dezembro 2019, as sessões são todas as terças-feiras na Escola Superior de Educação de Coimbra, excepto, as sessões de Cinema ao ar livre nos meses de Julho e Agosto no Mosteiro Santa-a-Velha, na Casa de Chá da APPACDM no Jardim da Sereia, em Agosto e no Salão Brazil, o Ciclo Formas, em Abril.

Na programação 2019, o Fila K Cineclube no sentido de fidelização de público, as sessões de Cinema são sempre às terças-feiras. Outra estratégia de programação é de manter alguns dos ciclos, por exemplo: o ciclo "Os Filmes da Minha Vida"; os ciclos "Comédia" e "Clássicos do Cinema" que decorrem nas sessões de Cinema ao ar livre no Mosteiro Santa-a-Velha. Em 2019, A Fila K Cineclube regressou às sessões de Cinema ao ar livre na Casa de Chá da APPACDM no Jardim da Sereia, foi programado o ciclo "Filmes da Nossa Vida", filmes escolhidos por utentes da APPACDM de Coimbra. Estas sessões de Cinema ao ar livre já são clássicas na cidade de Coimbra com grande adesão de público.

No ano de 2019, o Fila K Cineclube apresentou no Salão Brazil, a quinta edição do Ciclo FORMAS, no mês de Abril. O objetivo do ciclo é relacionar Cinema e Música através de apresentações ao vivo no formato cine-concerto. Nos 2, 9 e 16 Abril, com o programa:

"Vampiro" Cine-concerto Gonçalo Parreirão; "Berlim: A Sinfonia de uma Capital" Cine-concerto João Mortágua; "O Último dos Homens" Cine-concerto Luís Pedro Madeira, Gonçalo Parreirão e Paulo Silva.

Programação geral em linhas gerais:

Programação de ciclos de Cinema temáticos, de autor, e com convidados:

Nos ciclos temáticos e com convidados, a Fila K Cineclube exibiu o ciclo "Filmes Inacabados" em Fevereiro; "Um Roteiro pelos Géneros Clássicos" com seleção e apresentação por Fernando Fausto de Almeida em Maio; "Jorge de Sena e o Cinema" em Junho; "Film-Noir a Cores" em Novembro. No ciclo de autor, exibimos o ciclo "Robert Bresson, o modelo" em Setembro. Em relação ao Cinema Português destaque, por exemplo, no mês de Janeiro: ao filme "Pedro e Inês" (2018) de António Ferreira com apresentação por António Ferreira, Luísa Bebiano e Glória Ferreira; "Cabaret Maxime" (2018) de Bruno de Almeida. Em Abril, nos dias 5 e 6 Abril, exibição do filme instalação "Casas Breves" de Tiago Cravidão, inserido no contexto da XXI Semana Cultural da Universidade de Coimbra, no antigo Estúdio 2 dos Cinemas Avenida. Em Junho, no ciclo "Jorge de Sena e o Cinema", os filmes "O Escritor Prodigioso" (2005) de Joana Pontes e "Correspondências" (2016) de Rita Azevedo Gomes. Em Dezembro, exibição do filme "Lupo" (2018) de Pedro Lino com a presença do realizador.

Em Julho e Agosto, Cinema ao ar livre no Mosteiro Santa Clara-a-Velha e na Casa de Chá da APPACDM no Jardim da Sereia:

No Mosteiro Santa Clara-a-Velha, os ciclos "Comédias" e "Clássicos do Cinema" e na Casa de Chá da APPACDM no Jardim da Sereia, o ciclo "Filmes da Nossa Vida", filmes escolhidos por utentes da APPACDM de Coimbra.

Parcerias na programação de ciclos de Cinema com associações e instituições da cidade de Coimbra:

Nos 19, 25 e 26 Julho, ciclo de cinema ao ar livre, intitulado "II Cinema no Planalto do Ingote", parceria com o Projecto Trampolim, nos Bairros do Ingote e da Rosa, Coimbra. Dias 21, 23, 28 e 30 Agosto, ciclo de cinema ao ar livre "Filmes da Nossa Vida", parceria com a APPACDM de Coimbra, na Casa de Chá no Jardim da Sereia, Coimbra. No mês de Outubro, na ESEC, o ciclo "Hollywood Glamoroso" com Seleção e apresentação por Miguel Moreira, em parceria com a LIPA - Laboratório de Investigação e Práticas Artísticas da FLUC.

Nos dias 11 e 17 Outubro, no Liquidâmbar em Coimbra, foram programadas duas sessões sobre o ambiente em parceria com a Climacção Centro: "Climate Change - The Facts" (2019) Serena Davies e David Attenborough,

apresentação por Helena Freitas e “Ice On Fire” (2019) Leila Conners, apresentação por João Gabriel Silva.

Ciclos com parcerias com o “Salão Brazil”, “Inatel”, “Câmara Municipal da Figueira da Foz”, “Câmara Municipal de Penacova”:

Em Abril, no Salão Brazil, dias 3, 11 e 17, ciclo de Cinema “Como Elas Cantam” integrado no programa geral “Abril no Feminino”. “Janis: Little Girl Blue” apresentação de Francisco Amaral, “Sarah Vaughan: The Divine One” apresentação de Rui Moutinho e “Violeta foi para o Céu” apresentação de Né Ladeiras. No 15 Junho, sessão de Cinema “José e Pilar” no auditório da biblioteca da Câmara Municipal de Penela. Integrado no Festival Literário Internacional do Interior.

Em parceria com o Inatel e a Câmara Municipal de Penacova, nos dias 17 e 23 Agosto, sessões ao ar livre nas praias fluviais do Reconquinho e do Vimieiro. Cine-concerto “O Garoto de Charlot” por Gonçalo Parreirão e Paulo Silva, Cine-concerto “O Navegante” por Gonçalo Parreirão e Gonçalo Madama e músicos da Filarmónica da Casa do Povo de São Pedro de Alva.

Também, em parceria com o Inatel, no dia 8 Setembro, sessão ao ar livre Cine-concerto “Viagem à Lua e curtas de Norman McLaren” por Gonçalo Parreirão, Ricardo Brito e Frederico Nunes, no Museu Nacional Machado de Castro de Coimbra. No dia 14 Setembro, sessão de Cine-concerto “Curtas de Buster Keaton” por Gonçalo Parreirão e músicos da Associação Filarmónica Flor do Alva, na Casa do Povo de Vila Cova do Alva em Arganil.

Em parceria com a Câmara Municipal da Figueira da Foz, nos dias 2, 5 e 15 Novembro, ciclo de Cinema “Jorge de Sena e o Cinema” integrado nas comemorações dos centenários de Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andressen, no Centro de Artes e Espectáculos.

Participação na comunidade educativa da região através do Plano Nacional do Cinema:

No dia 3 Dezembro, Gonçalo Barros foi convidado para conversar sobre materiais de arquivo fílmico, na EB23 Dr.ª Maria Alice Gouveia em Coimbra, inserido no Plano Nacional de Cinema.

CINECLUBE DE GUIMARÃES

www.cineclubeguimaraes.org

Em 2019, o Cineclube de Guimarães completou mais um ano de atividade ininterrupta. Desde 1958, mantem uma dinâmica de promoção da cultura cinematográfica e a valorização da cinefilia no concelho de Guimarães através da organização de várias atividades que contribuíram de forma significativa para a fidelização e consolidação de uma massa associativa e a formação de novos públicos.

No capítulo da exibição de cinema, 2019 foi um marco significativo por dois fatores; a aquisição de um projetor de formatos DCP, permitindo a realização de sessões itinerantes de cinema, fazendo jus a uma longa tradição de itinerância por vários espaços do concelho de Guimarães; e o início de sessões regulares para públicos infanto-juvenis, recuperando uma tradição matricial do cineclubismo.

Ao longo de 2019, o Cineclube de Guimarães programou 83 sessões de cinema, o que resultou num total de 11.122 espectadores. Para além das sessões regulares, o Cineclube de Guimarães vem promovendo as já habituais sessões de cinema clássico, procurando sobretudo valorizar a memória do cinema e de obras e autores que sobrevivem à passagem do tempo.

No mês de agosto, no Centro Histórico de Guimarães, foi mais uma vez marcado pela iniciativa "Cinema em Noites de Verão", organizada pelo Cineclube de Guimarães que em 2019 chegou à 31.ª edição. Esta iniciativa traduziu-se como habitualmente num enorme sucesso, com um público mais alargado e daí mais heterogéneo do que o habitual das sessões regulares.

Entre as sessões pontuais, destaque para a sessão (7 de dezembro) dedicada ao 50º aniversário do filme *Easy Rider*, de Dennis Hopper, cuja exibição foi acompanhada por uma tertúlia com a participação de Álvaro Costa, Germano Almeida e João Nuno Coelho. Outra sessão pontual foi a Cine-Tertúlia com Manuel Mozos e Margarida Sousa (Cinemateca Portuguesa), integrada no programa comemorativo "Abril com Cantigas do Maio", onde se exibiu o filme *Censura – alguns Cortes*.

O projecto editorial Enquadramento, iniciado em 2013, é uma publicação quadrimestral que pretende ajudar os cinéfilos a conhecer autores menos divulgados e menos vistos nas salas de cinema portuguesas. Em 2019 foi lançado mais um número, em setembro, dedicado a Júlio Medem, com texto de Raul Pereira e design de Alexandra Xavier.

O evento "As Canções e os Filmes" é um espetáculo que pretende ser uma mostra de obras cinematográficas e das canções que contribuíram para a sua longevidade. A quarta

edição deste concerto teve lugar no Largo da Oliveira no serão do dia 24 de julho de 2019 e contou com a banda Rockin'in Movies.

Na véspera de 25 de Abril, o Cineclube voltou a colaborou na organização do concerto comemorativo do dia 25 de Abril de 1974, que decorreu no Grande Auditório do CCVF, em parceria com a Assembleia Municipal de Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães e Sociedade Musical de Pevidém.

O Shortcutz Guimarães realizou, em 2019, um número record de 20 sessões, o que contribuiu também para que tenha sido a temporada com maior número de espectadores desde o seu lançamento em 2016, cerca de 700. À semelhança de anos anteriores, foi ainda realizada a Sessão Dupla, assinalando o início do Verão, em que foi exibido *Amor, Avenida Novas* de Duarte Coimbra, seguido do concerto de Primeira Dama, projeto de Manuel Lourenço, que protagoniza o filme; uma sessão de Verão nos Banhos Velhos, em Caldas das Taipas; a sessão com os filmes premiados de 2018 no arranque da temporada; uma sessão especial dedicada ao realizador Mário Macedo; e ainda a sessão especial de entrega de prémios, que integrou a iniciativa O Dia Mais Curto, da Agência da Curta Metragem.

No âmbito da iniciativa Excentricidade, em colaboração com a Câmara Municipal de Guimarães, o Cineclube de Guimarães programou 9 sessões em várias localidades do concelho de Guimarães: Ronfe, Caldelas, São Torcato, Ponte, Moreira de Cónegos e São Cláudio do Barco.

O Cineclube de Guimarães também tem prestado apoio à implementação do Plano Nacional de Cinema no Agrupamento de Escolas de Pevidém. Em 2019, realizaram-se duas sessões no âmbito da atividade O Cinema está à tua espera, ambas no dia 4 de abril, no Salão Paroquial de Pevidém: *Estória do Gato e da Lua*, de Pedro Serrazina (6'); *Os Salteadores*, de Abi Feijó (16') e *A Suspeita*, de JM Ribeiro (25') na primeira sessão; *Com quase nada* (60'), de Margarida Cardoso, na segunda sessão.

Renovando a parceria com A Muralha – Associação para a Defesa do Património, o Cineclube colaborou com a exposição fotográfica "Das Casas, Lugares e Tradições", patente no Paço dos Duques de Bragança, entre 30 de julho e 16 de setembro, e integrada no programa das Festas Gualterianas.

CINE-CLUBE DA ILHA TERCEIRA

cineclubeilhaterceira.blogspot.com
facebook.com/Cineclubeilhaterceira

Entre os dias 31 de outubro e 3 de novembro de 2019, o Cine-Clube da Ilha Terceira organizou a quarta edição do Cine Atlântico – Mostra de Cinema Português Contemporâneo. Ao longo de quatro dias foram exibidos oito dos mais recentes filmes portugueses, que têm estado presentes e conquistado prémios nos mais significativos festivais internacionais.

O certame arrancou no dia 31 de outubro com a exibição do filme "Variações", de João Maia, com sala cheia e conversa com o realizador. O arranque do Cine Atlântico contou com a presença de atores do grupo de teatro A Sala, interpretando o António Variações e outras personagens, numa performance que continuou noite dentro no Pirata Gastro Pub, *food partner* do Cine-Clube da Ilha Terceira.

O segundo dia começou com a conferência de Carlos Natálio, editor e crítico de cinema no site À Pala de Walsh, sobre a relação entre a escrita de Agustina Bessa-Luís e o Cinema, uma oportunidade para entender a longa e complexa relação entre a autora e a produção literária para o cinema. O filme "A Portuguesa", de Rita Azevedo Gomes, que contém diálogos escritos por Agustina Bessa-Luís, foi exibido de seguida. Durante o sábado foram ainda apresentadas as longas-metragens "Mar", de Margarida Gil, "Diamantino", de Gabriel Abrantes e Daniel Schmidt, e "Snu", de Patrícia Sequeira, tendo esta sido a segunda sessão esgotada do Cine Atlântico de 2019.

O último dia da mostra foi o domingo, com a exibição de "Linhas Tortas", de Rita Nunes, "Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos", de João Salaviza e Renée Nader Messora, e "A Herdade", de Tiago Guedes, que contou com a presença do produtor Paulo Branco.

A programação do Cine Atlântico é, desde a sua primeira edição, da responsabilidade do crítico e realizador de cinema José Vieira Mendes. A mostra decorre na sala de cinema da Sociedade Filarmónica de Instrução e Recreio dos Artistas, e conta com o apoio do Governo Regional dos Açores, através da Direção Regional da Cultura, a Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Câmara Municipal da Praia da Vitória, Junta de Freguesia da Sé, Associação Cultural Burra de Milho, Club Auto, e Pirata Gastropub como *food partner*.

CINECLUBE DE JOANE

www.cineclubejoane.org

É Verão, tempo de virar o projector para o exterior, de direccionar as luzes do Cinema para a cidade, para as praças, para dentro das urbanizações. Nas dezanove edições anteriores, procuramos uma crescente consolidação de uma das principais ideias do projecto, a sua itinerância, que permitiu ao Cinema Paraíso estacionar em cerca de trinta locais, no percurso que já chegou a metade das freguesias do extenso concelho de Vila Nova de Famalicão.

Para a 20.ª edição, o Cineclube de Joane continua a aportar em levar o cinema às populações, fazendo-o com escolhas criteriosas, com propostas que cheguem ao grande público, que ambicionam surpreender o espectador, cinema popular de várias proveniências, do presente e do passado. Nesta edição com um número redondo, o Cinema Paraíso programou seis projecções no Anfiteatro do Parque da Devesa, o seu local de eleição desde 2013, e deambulou também por três freguesias do concelho: Cabeçudos, Lemenhe e S. Simão de Novais.

Com entrada livre, o Parque das Devesas exibiu “Bohemian Rhapsody”,

de Bryan Singer; "Missão Impossível Fallout", de Christopher McQuarrie; a versão dobrada em português de "Homem-Aranha; No Universo Aranha", de Peter Ramsey, Rodney Rothman e Bob Persichetti; a versão portuguesa de "Uma aventura do outro mundo", Christoph Lauenstein, Wolfgang Lauenstein e Sean McCormack; o clássico "O carteiro de Pablo Neruda", de Michael Radford; e Ou nadas ou afundas", de Gilles Lellouche.

Em itinerância pelas freguesias, também com entrada livre, foram exibidos: "Dumbo", de Tim Burton, em S. Simão de Novais; "Cinema Paraíso", de Giuseppe Tornatore, em Cabeçudos; e "O Rio do Ouro", de Paulo Rocha, em Lemenhe.

Como habitualmente, a iniciativa Cinema Paraíso é uma co-produção entre o Cineclube de Joane e a Casa das Artes de Famalicão, e conta com o apoio institucional do Município de Vila Nova de Famalicão, Instituto do Cinema e do Audiovisual. Nesta edição, contou com o apoio logístico de União Freguesias de Ruivães e Novais, União das Freguesias de Lemenhe, Moquim e Jesufrei, Greculeme, União das Freguesias de Esmeriz e Cabeçudos.

Nos meses seguintes, as sessões do Cineclube de Joane prosseguiram no local habitual, a Casa das Artes de Famalicão. Em Setembro, o destaque da programação foi para "Os Olhos de Orson Welles", de Mark Cousins, tendo também sido exibidos "Em Chamas" (Lee Chang-Dong), "Foxtrot" (Samuel Maoz) e "The Beach Bum" (Harmony Korine). O destaque de Outubro foi para "Dor e Glória", no regresso de António Banderas ao universo de Pedro Almodóvar, mas o cartaz incluiu ainda Akira Kurosawa ("Ran – Os Senhores da Guerra"), Alex Ross Perru ("Her Smell") e Tiago Guedes, com o aguardado "A Herdade". Novembro foi o mês de "Variações" (João Maia) e "Vitalina Varela" (Pedro Costa), mas também de "High Life" (Claire Denis) e "Parasitas" (Bong Joon-Ho). A fechar o ano, em Dezembro, estiveram em exibição "Ad Astra" (James Gray), "Divino Amor" (Gabriel Mascaro) e "Amazing Grace" (Alan Elliott e Sydney Pollack).

CINECLUBE OCTOPUS

cineclubeoctopus.blogspot.com

Cineclube que é cineclube, ainda para mais na Póvoa de Varzim, que é terra de pescadores, tem de ter várias redes. Só isso já justificava, mas a verdade é que temos debatido se um cineclube deve só apanhar as espécies graúdas, aquelas que foram habituadas desde longa data a ver cinema numa sala digna desse nome. Mas, como é do conhecimento geral, existem várias outras espécies miúdas que andam a furar a malha atual da primordial função cineclubista, que é mostrar bom cinema num verdadeiro grande ecrã.
Por isso, começamos a segunda metade de 2019 com o lançamento aos mares digitais de uma nova rede - social, obviamente. De seu nome, Instagram. Constava por aí que esta rede tinha outra frequência social e, sobretudo, imagens bonitas, logo, era a nossa cara. Já que esta tem, a cada semana, perfil de uma vedeta cinematográfica, que são das caras mais bonitas do mundo.

Todo este início porque um cineclube também dá prova de vida ao falar dos seus tentáculos comunicativos. Na verdade, foi assim mesmo, de "'novo tentáculo", que comunicámos a novidade no início de julho, na nossa outra rede social, o Facebook (fb.com/cineclubeoctopus). Termo com uma razão por demais evidente. Afinal, somos um cineclube com nome de polvo e fazemos gala disso: somos Octopus, polvo seremos, vários tentáculos mexemos.

Ou seja, desta vez, no lugar de um texto formal descrevendo a nossa atividade primordial (as sessões semanais ao longo do ano no Cine-Teatro Garrett, com uma ou outra mais especial, e no verão as sessões ao ar livre), focamos a objetiva para o plano da promoção e iluminamos um aspeto particular na organização de sessões públicas de cinema, para chegarem ao maior número de pessoas possíveis, mesmo com um critério "alternativo" de programação.

O Cineclube Octopus tinha feito 35 anos no ano de 2018 e essa altura foi aproveitada para se efetuarem algumas mudanças gráficas na nossa imagem. Aprumámos o nosso velho logotipo (era inspirado num polvo, e no movimento de uma bobina, mas com dois olhinhos empáticos ao centro) e passamos a ter um novo tipo de letra único. De nome "Cinetype" - só podia!

Foi também a oportunidade para se melhorarem os nossos primeiros objetos (tentáculos) de comunicação: uma folha de programação mensal {A5), uma folha de sessão (A4), e o cartaz mensal.

Este último tem duas razões que importa para se continuar a editar: funciona quer digitalmente, quer fisicamente. Nesta última vertente, ainda temos a vantagem de nos oferecer a impressão a cores de vinte exemplares em A3, e felizmente temos a querida Mafalda que os distribui pela cidade, colando-os nas montras de alguns estabelecimentos comerciais que o permitem. Mas na vertente digital, além do cartaz inteiro, ele foi também pensado para servir em parte (a inferior, retangular - tipo paisagem) o cabeçalho do nosso blogue e do nosso Facebook, e a outra parte (a superior, quadrada - tipo retrato) a tal outra rede que andávamos a debater se lançaríamos ao mar. Se fosse ou não lançada, já havia pelo menos um conteúdo logo, um motivo. Apetece dizer: pensamos nos recursos de forma sustentável e reutilizáveis.

Já agora, aproveitamos para mencionar que em agosto iniciámos um ciclo de cinema ambiental ao ar livre, em colaboração com a Associação Ambiental VERDIM, daí o nome VERdoc. No entanto, porque é ao ar livre, os cartazes dessas sessões de verão assumem um ar mais leve e branco.

Nesse sentido, do gosto pelas coisas leves, claras e arejadas, assim acabámos por redesenhar o nosso velho blogue (cineclubeoctopus.blogspot.pt). Este tentáculo também foi pensado e debatido, já que pelos mares atuais da socialização digital, quem tem redes, tem tudo. Mas, na verdade, hoje em dia, um site tem uma função mais institucional, bem mais informativa e, convenhamos, outro charme. Só que tem um custo, para o fazer e manter, e "tusto" não é coisa que os cineclubes tenham muito. No entanto, se um blogue já havia, só faltava quem de graça!, lhe desse uma outra graça: abrir paredes, pintar, e decorar de forma simples e moderna. De facto, sem gastar nada e sem saber muito, houve internamente na direção gente com unhas para isso. E veio neste semestre, de um colega cineclubista de Torres Novas, o primeiro elogio ao blogue.

Para acabar, e voltando à reflexão inicial sobre o atual quadro geracional da audiência de um cineclube, é fácil verificar no cartaz ao lado numa novidade implementada este ano, a dos descontos sub20. Estes explicam-se assim: na Póvoa de Varzim um jovem com vinte ou menos anos não faz amizades só nas redes sociais, porque no Cineclube Octopus pode oferecer a outra pessoa da mesma idade a entrada pelo preço de um bilhete (4€). E se ele ou ela tiver muita cara bonita à sua volta, sendo difícil decidir quem convidar, pode oferecer não só a um, mas a 3 colegas a entrada pelo preço de um bilhete. Em suma, 2 jovens, 2 euros cada; 4 jovens, 1 euro cada. Bonito, não?

CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMATOGRAFIA / CINECLUBE DO PORTO

cineclubedoporto.wordpress.com

Para além das Sessões Regulares que têm lugar na Casa das Artes, às quintas-feiras à noite e sábados à tarde, este ano realizámos também as nossas sessões de verão, As Noites de Boris, nos jardins da Casa das Artes, com entrada livre, em parceria com a Direção Regional de Cultura Norte.

Como já é usual, exibimos uma seleção de curtas-metragens, sempre às quartas-feiras do mês de agosto, onde mostramos as melhores obras exibidas no 27º Curtas Vila do Conde – Festival Internacional de Cinema, uma seleção de curtas-metragens de realizadores ligados à cidade do Porto, curtas da Europa de Leste e cinema de animação.

Em Setembro, em parceria com o pelouro da cultura da Câmara Municipal do Porto, programámos a secção de cinema da Feira do Livro do Porto, com um ciclo especial, de entrada gratuita, em torno do tema "fantasmas da Europa". Foi também o mês do arranque do festival internacional de

cinema BEAST, este ano na sua terceira edição, com o foco no cinema lituano, que conta com a co-organização do Cineclube do Porto desde a primeira edição.

Em Outubro, tivemos uma sessão muito especial. Numa parceria com a Orquestra Metropolitana e a Cinemateca Portuguesa, exibimos a cópia restaurada do filme de George Pallu, "A Rosa do Adro", produzida pela Invicta Film. Foi um evento especial com acompanhamento musical ao vivo pelos Solistas da Metropolitana com a partitura original de Armando Leça. O filme, estreado no Porto em 1919, comemorou assim o centenário da sua estreia na sua cidade natal.

Também muito especial foi a sessão que realizámos em Novembro no Teatro Municipal Sá de Miranda, em Viana do Castelo, numa ante-estreia da cópia restaurada do filme "Auto da Floripes" que, em parceria com a Cinemateca Portuguesa e a Câmara Municipal de Viana do Castelo, será digitalizado, restaurado e posteriormente disponibilizado para distribuição, assim como editado em suporte DVD, acompanhado por uma brochura que contempla textos de investigação sobre o filme e a Secção de Cinema Experimental do Cineclube do Porto, que o realizou num processo cooperativo entre vários intervenientes, entre os quais Luís Ferreira Alves, Henrique Alves Costa, Lopes Fernandes, António Reis, entre outros.

Em 2020 festejamos o 75º aniversário do Cineclube do Porto, com a publicação do livro que estamos a preparar sobre o Cineclube do Porto e o Cineclubismo em Portugal, apoiado pelo Instituto de Cinema e do Audiovisual e pela Câmara Municipal do Porto. Também assinalaremos a efeméride com a abertura da biblioteca do Cineclube no Arquivo da Casa do Infante e a continuação das sessões regulares na Casa das Artes, com ilustrações originais para todos os filmes. Como será um ano de festa, haverá ainda muitas sessões especiais e conversas em torno da história do Cineclube do Porto, que agora celebramos, e em torno do papel actual dos Cineclubes.

CINECLUBE DE TOMAR

cineclubedetomar.wordpress.com

O Cineclube de Tomar manteve as suas actividades regulares, nomeadamente as Sessões Cineclubistas das Terças-feiras, às 19h (com eventual excepção de raras indisponibilidades do Cineteatro Paraíso, propriedade da Câmara Municipal de Tomar, e onde exibimos). Além disso, oferecemos programas específicos como a Festa do Cinema Italiano ou O Dia Mais Curto, este em parceria com a Agência da Curta-Metragem.

Nos meses de Julho e Agosto, mantendo as sessões cineclubistas das Terças-feiras ao fim da tarde, apresentámos também uma programação de Cinema ao Ar Livre, às 4ªs feiras, às 21.30h, na zona circundante às Piscinas Municipais Vasco Jacob, com o apoio logístico da Câmara Municipal de Tomar (CMT).

Temos também uma programação especialmente dedicada às crianças, no terceiro sábado de cada mês, apresentando de manhã os "Filminhos Infantis à Solta pelo País", da Zero em Comportamento, com curtas-metragens de animação para um público infantil dos 4 aos 10 anos, e à tarde uma programação mais diversificada, com longas-metragens de animação (e não só) dirigidas a crianças um pouco mais velhas.

Durante o ano de 2019, a nossa actividade regular totalizou 49 sessões, com a exibição de 33 longas-metragens de ficção, 6 longas-metragens de animação e 9 documentários. Nestas sessões, apresentámos 16 filmes em língua portuguesa, nomeadamente 10 longas de ficção e 6 documentários.

Sempre que possível convidamos cineastas portugueses para apresentarem os seus filmes e conversarem com o nosso público. Em Junho tivemos a visita de Rita Azevedo Gomes e Roberta Azevedo Gomes para apresentar "A Portuguesa", o que deu origem a uma animada discussão no final. Em Novembro, recebemos Stefan Lechner, que acompanhou a exibição do seu filme "Vadio", a que se seguiu uma longa conversa com o realizador.

CINECLUBE DE TORRES NOVAS

facebook.com/Cineclube-De-Torres-Novas-151042824951923

Depois de alguns anos de actividade regular menos frequente, iniciámos 2019 com um ambicioso plano de actividades, iniciado com a candidatura a um estágio profissional, apoiado pelo IEFP, posteriormente aprovado e implementado; a mudança para uma nova sede, na Casa Maria Lamas, cedida pelo Município de Torres Novas; o recomeço de exibição regular de cinema alternativo em Torres Novas, com apoio municipal e o desenvolvimento de vários projetos de médio/longo prazo.

Com frequência quinzenal, as sextas-feiras à noite em Torres Novas voltaram a ter exibição regular de cinema, para um total de cerca de 420 pessoas, o que se traduz numa média de 22 pessoas por sessão, mais convidados. Foram realizadas 19 sessões de cinema, com 7 documentários e 11 longas-metragens, sendo mais de 35% de origem portuguesa ou em co-autoria portuguesa.

No verão foram realizadas 7 sessões de cinema infantil ao ar livre, também com o apoio do município, juntas de freguesia e um estabelecimento comercial, que mobilizaram e reuniram, nas noites de sábado de julho e agosto, mais de 2000 pessoas.

A par desta actividade mais visível, preparamos diversos projetos para implementação e desenvolvimento no concelho de Torres Novas, seja na parceria que temos com o Agrupamento de Escolas Gil Paes nos Planos Nacionais de Cinema e de Leitura, e com o objetivo de uma parceria com o município para uma candidatura ao Plano Nacional de Artes, ainda por lançar. Continuamos a realizar sessões de cinema em colaboração com outras entidades, levando o filme para fora da sala de cinema convencional, tal como no Serviço Prisional de Torres Novas, ou para as crianças dos ATL de férias organizados pelo município, actividades que manteremos no decorrer do ano de 2020.

No ano de 2020 para além de comemorarmos o nosso 60º Aniversário, e de reforçamos a nossa actividade com mais sessões de cinema, queremos também tornar o Cineclube numa instituição de reconhecida utilidade pública, com grande investimento na área da educação e formação cinéfila, para todas as idades, fomentando o amor à sétima arte, numa das principais missões de qualquer cineclube, a formação de públicos.

CINECLUBE DE VILA DO CONDE

cineclubedeviladoconde.blogspot.com

Ainda a tempo participamos nesta última edição de 2019 da revista *Cinema*, a qual em boa altura e com dedicação, regressou à estampa, agora digital. Para este contributo do Cineclube de Vila do Conde para a secção Cineclubes em Revista, revemos a programação de 2019.

O tempo escapa-se e mais um ano passou. Diz-se que o tempo passa mais devagar quando somos novos e parece acelerar quando nos tornamos mais velhos... deve ser verdade, pois, aproximamo-nos, a passos largos, do nosso 30º aniversário. A programação pensou-se, apresentou-se e estender-se-á no tempo e, espera-se, na memória dos que a viram. Mais de quarenta filmes, religiosamente ao domingo, em doze meses de programação e actividade, cuja concretização só é possível com profunda dedicação associativista, dedicação transversal a todos os cineclubes e à qual não conseguimos, com este número limite de palavras, fazer aqui a devida justiça.

Em 2019 mantivemos os princípios orientadores da nossa programação, propondo obras de autor e de cinematografias menos divulgadas num equilíbrio entre o dito cinema de autor e algumas sessões de cinema mais *mainstream*, mas não de somenos qualidade, acreditando ser esta, também, uma das formas de atrair novos espectadores e de os ajudar a descobrir um cinema para o qual não estão habitualmente atentos. Assim, e sem surpresas, tivemos sessões muito concorridas e outras menos.

Na nossa programação o cinema português tem uma clara importância e permite uma ligação mais próxima entre o filme e o espectador, através da apresentação dos filmes pelos próprios realizadores e em pequenas conversas no final das sessões. Em junho o realizador vilacondense Nuno Bernardo apresentou o seu filme “Gabriel”. Em setembro exibimos o documentário “La Grande Famille” de Nuno Beirão Vieira e João Pedro Marnoto, psicólogo e fotógrafos de formação, respectivamente, e cuja presença proporcionou uma interessante conversa sobre a experiência vivida junto de

comunidades nómadas. Em outubro exibimos o documentário "Lupo" com a presença do realizador Pedro Lino e, em novembro, foi a vez da "A Herdade", de Tiago Guedes, cujos actores Sandra Faleiro, João Pedro Mamede e Ana Vilela da Costa, acompanhados pelo programador António Costa, apresentaram a sessão e com os quais o público engajou numa interessante conversa depois do visionamento do filme.

Terminamos mais um ano e, novamente, com um balanço agridoce, conscientes que fazemos muito com tão pouco, ou como é tão pouco ou nada reconhecida a claríssima importância dos cineclubes na exibição dos filmes portugueses e no circuito de exibição independente em geral. Continuamos a ver com preocupação muitíssimos cineclubes ainda sem acesso a salas com projecção digital. E numa altura que se anuncia a regulamentação de uma rede de Teatros e Cineteatros, tendo sido também incluída a questão da digitalização das salas, aguardamos com expectativa a avocação dos cineclubes e da FPCC a este processo. Aquando da aprovação da proposta de criação desta rede António Pinto Ribeiro afirmou num artigo publicado no *Público* que "uma das constantes em muitos teatros e cineteatros do país, independentemente do tamanho das cidades e da cor política dos seus autarcas, é estes servirem fundamentalmente de equipamentos eleitoralistas". E nestes propósitos não caberá quer o papel de um cineclube quer o papel de uma verdadeira politica pública de cinema. Aguardemos por 2020. Bom Ano!

CINE CLUBE DE VISEU

www.cineclubeviseu.pt

A abrir o semestre, o Cine Clube de Viseu continuou a organizar Cine Concertos pela região de Viseu. Entre Julho e Outubro, vários municípios da região acolheram filmes de Chaplin, Joris Ivens, Ruttmann, Rino Lupo, Buster Keaton e Harold Lloyd, com o acompanhamento ao vivo pela música de Noiserv, Filipe Raposo, Nicholas McNair, Bruno Pinto, Gonçalo Alegre, Nuno Silva e José Pedro Pinto. Entre igrejas, conventos, bibliotecas e centros municipais, o projeto de Cine Concertos – Fora de Portas permitiu encontrar o cinema clássico em espaços inesperados, e reinterpretá-lo ao som de música moderna. Programa promovido em conjunto com a Comunidade Intermunicipal e Rede Cultural Viseu Dão Lafões.

Outra das actividades regulares do Cine Clube de Viseu: todos os anos entre o final de Julho e os primeiros dias de Agosto, o Cinema sai à rua e ocupa a Praça D. Duarte, em pleno Centro

Histórico de Viseu, para uma semana de filmes em excepcionais condições de espaço e convívio. Este ano a plateia ao ar livre teve oportunidade de conhecer os encantadores "Ernest & Célestine", "Verão 1993", e "Os Chapéus de Chuva de Cherburgo". As últimas noites tiveram lugar no Claustro do Museu Nacional Grão Vasco, espaço a céu aberto propício para receber sessões mais intimistas. Este ano, foram "A Utrapassagem" de Dino Risi – apresentado por Vasco Câmara, editor do Ípsilon e crítico de cinema – e "Os Cantadores de Paris", numa sessão muito especial com atuação do grupo de Cante "As Ceifeiras de Pias" e apresentação do realizador Tiago Pereira. Podem conhecer melhor o projeto em www.cinemanacidade.tk!

Após um primeiro semestre sem sessões semanais, por motivo de obras no Auditório do IPDJ, onde regularmente acontecem, o Cine Clube de Viseu retomou em Setembro em dose dupla: com cinema todas as terças e quintas-feiras à noite. Durante o primeiro mês, as terças foram dedicadas

a clássicos de Buñuel, e as quintas a descobrir alguns dos filmes do ano que ainda não tínhamos tido oportunidade de exibir. De Outubro a Dezembro foram mantidas as sessões duplas, com ciclos dedicados ao cinema asiático, aos documentários, e ao cinema assente na palavra.

Entre 29 Outubro e 2 Novembro, Viseu voltou a ser ponto de encontro para o cinema associado à temática da interioridade de Portugal. A competição de curtas locais e nacionais trouxe alguns dos grandes trabalhos recentes do cinema curto a Viseu, saindo vencedores os filmes "Purpleboy" de Alexandre Siqueira e Raquel de Ana Paula Pais e Sara Baga. O realizador em destaque desta edição foi José Vieira – natural do distrito de Viseu mas emigrado em França – que esteve presente e de quem foram exibidos três filmes ao público, e mais um em sessão para escolas. Destas sessões para alunos, contaram-se ainda "A Arte da Luz tem 20.000 Anos", apresentado por João Botelho, e curtas de animação portuguesas escolhidas por Regina Pessoa. Outros convidados da edição 2019 incluíram Rossana Torres e Hiroatsu Suzuki, que apresentaram "Terra", Ico Costa, que trouxe o seu "Alva" em ante-estreia, e Leonardo Simões, director de fotografia constante dos filmes de Pedro Costa, que esteve presente na sessão de "Vitalina Varela".

IMPRENSA DE CINEMA PORTUGUESA: DAS ORIGENS AOS PRIMEIROS ANOS

JOANA ISABEL DUARTE

Desde as primeiras exibições de fotografia animada em solo nacional – em Lisboa com o quinetógrafo de Edison (em 1894) e o animatógrafo (1896), e só em 1897 com o Cinematógrafo dos Lumière – que o cinema foi, a par e passo, suscitando crescente interesse no nosso meio.

As primeiras notícias em torno do animatógrafo e da invenção do cinematógrafo surgem nesse final do século, em jornais que davam conta desses novos engenhos. Mas a ligação do "cinema" à imprensa é, na verdade, bem mais antiga: os seus objetos «arqueológicos» – os do *pré-cinema* – marcavam presença nas publicações especializadas de ciência e de ótica internacionais em décadas precedentes. Assim, a imagem em movimento – realização que, como bem apontou Edgar Morin, resulta de um feliz casamento entre o sonho e a ciência –, surge noticiada primeiramente nessas revistas científicas e depois nos jornais, sob a forma notícia ou de anúncio.

JOANA ISABEL DUARTE
FAC. LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
CITCEM - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
TRANSDISCIPLINAR «CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA»

Gloria Swanson a folhear um número da *Porto Cinematográfico*
[Anos 20]

Todavia, não obstante o interesse digno de registo, será de reiterar que findos esses anos de novidade, e apesar da ânsia manifestada em adivinhar o século que se aproximava, «Portugal ainda não descobrira o cinema», como sumariou Bénard da Costa. É certo. Apenas em 1912 – tinha o cinema 17 anos – surgiu aquela que é a primeira revista de cinema portuguesa, a *Cine-Revista* (Porto, 1912), publicação efémera e ainda algo indefinida nos seus propósitos. Não obstante a inconstância dessa primeira publicação, nela declara-se que «a Cinematografia triunfa (...) em todo o mundo – não podendo, pois, de deixar de triunfar entre nós» (N.º2). A *Cine-Revista* deixou, assim, um bom auspício para os anos que se seguiram.

Com efeito, desde então o cinema foi conquistando, embora timidamente, o seu espaço no âmbito da imprensa especializada, como demonstra a publicação de *O foco* (Torres Novas, 1913-1915) e a associação que então lhe começam a emprestar algumas revistas culturais, como é o caso de *Arte: revista ilustrada* (Lisboa, 1917-1918) e *O Artista* (Lisboa, 1918). Já na capital, só bem mais tarde se publicará, pela primeira vez, um periódico de cinema: a *Cine-Revista* (Lisboa, 1917) que, pela sua longevidade e importância, não conheceu par nessa década.

Com a entrada nos anos 20, o panorama altera-se substancialmente: as revistas especializadas em cinema são agora profusas e de grande qualidade: é o tempo da *Invicta Cine* (Porto, 1923-1936) e do *Porto Cinematográfico* (Porto, 1919-1925), as grandes revistas da década (juntamente com a *Cinéfilo* [Lisboa, 1928-1939], um pouco mais tarde) e que coincidem com a época de ouro do cinema mudo português. Tal expressão – *mudo* – e congéneres afins dão, inclusivamente, nome a pelo menos duas publicações especializadas em cinema: *Arte do silêncio* (Lisboa, 1923) e *Arte muda* (Porto, 1928), dirigida pelo realizador Rino Lupo. É também curioso notar que, no nosso meio, o cinema se afeiçoa muito precocemente à expressão "arte", como demonstram estes dois exemplos e os supramencionados *O artista* e *Arte: revista ilustrada.* Esta nobilitação do cinema – numa altura em que ele abandonava já as feiras e recintos de diversões para se instalar em edifícios próprios – revela uma forma de encarar o cinema que se aproxima dos preceitos de Ricciotto Canudo, defensor da sétima arte no início da década de 20.

Paralelamente a este entendimento precoce do cinema enquanto expressão artística, importará chamar à colação um outro fenómeno que marca profundamente as revistas de cinema desta época. Talvez não haja outra década em que o *culto das estrelas* tenha tomado proporções tão pungentes (recorde-se os dois suicídios motivados pela morte de Rudolph Valentino; ou a denúncia feita em filmes dessa adoração às vedetas - é pensar no "Stage Struck" [Allan Dwan, 1925], protagonizado por uma Gloria Swanson que, mimetizando os cinéfilos admiradores de então, vive a vida a suspirar diante de fotos das "estrelas"...) como nos anos 20. As revistas cinéfilas são também disso um bom reflexo. A veneração da vedeta insere-se na complexa rede do *star system* que se começa a montar por estes anos, e o papel das publicações periódicas em

impulsionar esse culto não deverá ser desconsiderado. A "estrela" – que é, como se disse, fabricação do *star system* – não sobreviveria se apenas vivesse na tela: o seu sucesso dependia também da sua *transposição* para fora da sala de cinema, da sua difusão por outros meios. As revistas cobriam parte dessa necessidade ao divulgar fotografias e *fait-divers* dos "artistas". A imagem da "estrela" ou do "ás" poderia ser autografada e enviada, de forma exclusiva e personalizada, para uma determinada revista e para o deleite dos seus admiradores. Por cá não terá sido diferente, e engane-se quem julgue que tais fotografias assinadas se restringiriam aos "artistas" da nação: a própria Louise Brooks autografará uma foto sua para a *Cinéfilo* (*with kindest regards*), e a Gloria Swanson é captada a folhear um exemplar da *Porto Cinematográfico* (Porto, 1919-1925). Se é verdade que muitos destes exemplares se reportam fiéis à realidade – até porque na maioria das vezes haveria disposições contratuais que obrigavam as *estrelas* a produzir este tipo de *souvenirs* – outros casos há em que a possibilidade de existência de fotomontagem – prática sobretudo comum a partir dos anos 30 – por parte do corpo editorial da revista não deverá ser totalmente descartada.

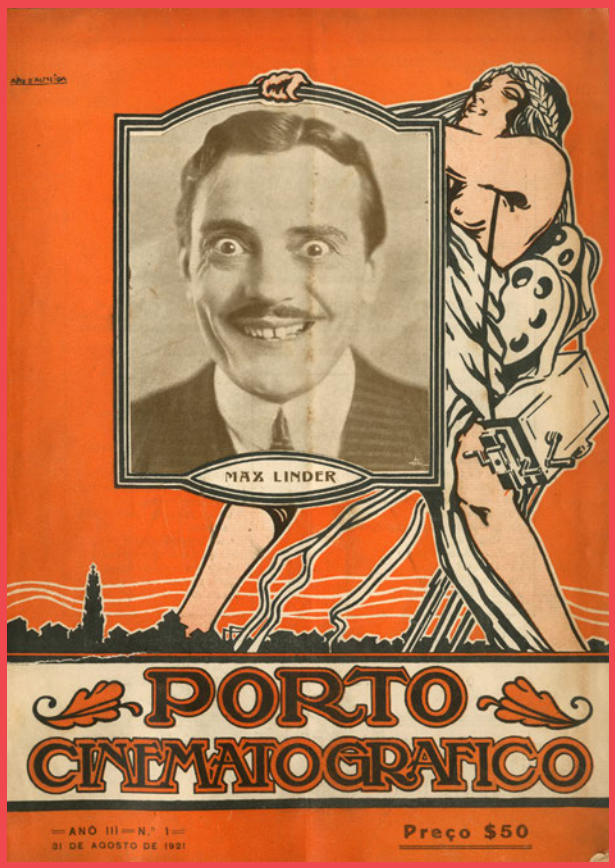
Não só se multiplicam as publicações periódicas dedicadas às "estrelas" de cinema (é disso exemplo revistas como *Biografia dos artistas cinematográficos* [Lisboa, 1921-1922]), como os seus rostos invadem os frontispícios das publicações, quer através de fotografias, quer através da ilustração. A organização formal dessas publicações – à sombra da *Photoplay* e afins – marcou de forma indelével uma estética que se passou a associar a este tipo de imprensa especializada.

Não só de vedetas viveram as revistas. Os anos 10 e 20 são marcados por um crescente interesse pela técnica e «encenação» (como às vezes se apelidava à realização) cinematográfica e a aplicabilidade do cinema para lá do seu efeito escapista. Começa-se a questionar as potencialidades do cinema para outros âmbitos, nomeadamente a educação: os seus comprovados benefícios na demonstração de atos científicos ou de recriação de períodos históricos foram rapidamente apreendidos pelos pedagogos e entusiastas do cinema. Assim se forja, na década 20, o conceito

Retrato de Louise Brooks autografado, publicado na *Cinéfilo* (N.º60, 1929): To "Cinefilo" with kindest regards / Louise Brooks / Paris Sept. 3rd.

da *cinepedagogia*, que continuará muito em voga pelos nos anos 30. A importância do cinema e da pedagogia foi assumida de tal forma pelas revistas de especialidade, que no famoso *Inquérito aos cinemas da província* (levado a cabo pela *Cinéfilo*) se reservavam duas perguntas para auscultar a exibição de filmes educativos e o uso, por parte das escolas, do cinema como complemento de ensino. Note-se a existência, inclusivamente, de um periódico especificamente dedicado a esta temática – *O cinema educativo* (Gaia; Porto, 1926-1928).

Ainda que não existisse, nestas datas, uma crítica de cinema metódica como a que foi imortalizada nos anos 50, tal não significa, como vimos, que o cinema e os filmes não fossem alvo de reflexão nas publicações especializadas. Pensa-se e discute-se sobre o cinema, as suas características e transformações. Nos anos 20, a mudez desta expressão artística era apontada, nas revistas, como o seu principal atributo: prezava-se o cinema por ser capaz de concretizar uma aspiração do homem por uma língua universal. Há, inclusive, testemunhos daqueles que se opunham firmemente ao uso excessivo de letreiros: estes deveriam ser substituídos por «figuras evocadoras» capazes de «fazer adivinhar ao espectador o desenvolvimento da acção» (como se



Capa de Ary de Almeida para a *Porto Cinematográfico* (A. III, N.º 1, 1923) com fotografia de Max Linder.

Ilustração de Mary Pickford na capa de *Cinegrafia* (N.º 16, 1929).

escreve em 1924 em *A fita* [Leiria, 1924]). O bom cinema dispensaria explicações em demasia, não sentindo a necessidade de se ancorar no *verbo* – as expressões dos atores e a encenação sobrepor-se-iam a esses artifícios – mas não só: é que assim se agradava a todas as classes sociais, aos surdos e aos analfabetos, e o cinema instituía-se como uma linguagem universal. Nesse sentido, não se estranhará que aquando das primeiras notícias relacionadas como advento do sonoro, as opiniões se mostrassem divididas entre aqueles que se encontravam a favor e aqueles que se assumiam como manifestamente contra. Com efeito, o debate em torno do surgimento do sonoro constitui uma das grandes discussões cinéfilas do fim da década. A *Invicta Cine* e a *Imagem* (Lisboa, 1930-1935) posicionavam-se como impulsionadoras do sonoro, enquanto a *Cinéfilo*, não o depondo completamente, seria-o menos. Para outros envolvidos na discussão que rodeia os fonofilmes e os filmes falados, o sonoro é um «absurdo monstruoso» – citação cuja dureza deverá ser desculpada tendo em atenção que a introdução do sonoro significou, à época, grandes mudanças no ato de ver e de interpretar o cinema. O sonoro foi ainda alvo de discussão humorística na *Kino* (Lisboa, 1930-1931), como demonstram alguns desenhos de Cottinelli Telmo e textos de José Gomes Ferreira.

No mesmo ano em que se realiza o primeiro sonoro português, *A Severa* (Leitão de Barros, 1931), há ainda publicações que manifestam muitas desconfianças relativamente aos «fonofilmes», sobretudo quando estrangeiros, já que «o nosso público não é poliglota», como se escreve na *Projecção* (Coimbra, 1931). Mas finda esta estranheza e retinência face ao sonoro que marcou o final dos anos 20, instalar-se-á por fim (e definitivamente), ao longo da primeira metade da década de 30, o consenso em torno desta temática nas revistas.

Fosse qual fosse o posicionamento das revistas ao longo destes primeiros anos do cinema, é justo afirmar que quase todas elas visavam e lograram, nesses anos, «ensinar a amar o cinema aos que o compreendem já (...) ensinar a compreender o cinema àqueles que o ignoram» (*De cinematografia*, Porto, 1925). E não é, porventura, esse ainda o propósito de uma revista de cinema?

Bibliografia

Costa, Alves (1954). *Breve história da imprensa cinematográfica portuguesa*. Porto: Cine-clube do Porto.

Costa, João Bénard (1991). *Histórias do cinema*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Duarte, Joana Isabel Fernandes (2018). *«Se não se podem ver filmes, leiam-se as revistas»: Uma abordagem da imprensa cinematográfica em Portugal (1930-1960)*. Relatório de Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Morin, Edgar (1997). *O cinema ou o homem imaginário*. Lisboa: Relógio D'Água.

ENCONTRO NACIONAL DE CINECLUBES

O Encontro Nacional de Cineclubes (ENCC) é um espaço onde os cineclubes nacionais podem ter um contacto directo com os seus pares, promovendo e divulgando as actividades e sessões regulares de exibição. Para além de ser um evento que traça o estado da arte cineclubista a nível nacional é um espaço de formação, discussão e exibição da sétima arte.

REENCONTROS

JOÃO PAULO MACEDO

Realizado na Curia, em início de novembro de 2019, o Encontro Nacional de Cineclubes, representa um marco fundamental na FPCC e também na Federação Internacional de Cineclubes. Ao nível nacional foi a afirmação clara da dinâmica dos Cineclubes em Portugal e que, mérito da Direção atual, os Cineclubes continuam a ter o que partilhar e dizer uns aos outros. Esta dinâmica permitiu fazer o maior ENCC em muitos anos e afirmar que o movimento cineclubista existe e, obviamente, se move, apesar dos tempos difíceis.

Ao nível internacional, a realização da Assembleia Geral da FICC - Federação Internacional de Cineclubes, dezoito anos depois da realizada no Porto, representou o reencontro e o retomar de um caminho iniciado há uns anos.

A eleição do Presidente Cultural e do novo Comité Executivo representa a renovação das energias necessárias para a inovação e desenvolvimento do plano estratégico para 2019-2021. Não será tarefa fácil, antes um desafio.

JOÃO PAULO MACEDO
PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO
INTERNACIONAL DE CINECLUBES

Grande, também, é o desafio de cada cineclube individualmente: organizar o público (e para o público) na defesa do seu direito à diversidade cultural. Organizar o público para o conhecimento do Outro e das cinematografias menos conhecidas. Permitir visibilidade às produções apagadas da grande circulação, ofuscadas pelos blockbusters, eclipsadas nos média e por opções editoriais que ficam, no final, ao serviço único da exploração comercial e das receitas de bilheteira.

Os Cineclubes movem-se na valorização do cinema nacional e europeu, do cinema dos PALOP, da América Latina, do cinema independente em geral e, ainda, na formação de públicos e no despertar de novos talentos.

Os variadíssimos exemplos de atuação cineclubista nas áreas da valorização do cinema nacional, da formação de públicos e da leitura crítica da obra cinematográfica estiveram presentes nestes Encontros. De igual forma se discutiram a organização e o funcionamento em rede, em Portugal e no mundo, um dos grandes desafios atuais do Movimento Cineclubista. Cabe-nos agora a tarefa de conseguir, com a colaboração de todos, transformar os desafios em realidades dinâmicas.

A oportunidade única criada pela FPCC e pelos variados parceiros que associou ao Encontro foi aproveitada da melhor forma por parte dos diferentes delegados da Federação Internacional para discutir, renovar, planear, procurar respostas para a articulação e a organização de um movimento que hoje se estende aos cinco continentes.

No final, a grande mais valia resultante do esforço organizativo da Direção da FPCC e do Cineclube da Anadia foi possibilitar o REENCONTRO de tantos que, no país e no mundo, transformam o ato de assistir um filme, numa experiência enriquecedora, uma experiência identitária e cidadã e, em simultâneo, coletiva e partilhada.

A IMPORTÂNCIA DO CINECLUBISMO

LAURO ANTÓNIO

A abrir, uma palavra de saudação a este Encontro Nacional de Cineclubismo. Bem gostaria de estar hoje aqui presente. Por razões de saúde, não me é possível fazê-lo. Agradeço, no entanto, o convite e peço desculpa pela ausência física, ainda que tente estar convosco através deste texto.

Nunca foi escrita a sério a história do cineclubismo em Portugal e é uma tarefa que urge empreender, enquanto alguns dos seus principais dirigentes ainda se encontram vivos e com hipóteses de recordarem os aspectos mais marcantes dessa história.

O cineclubismo teve um papel essencial na história da cultura e da política portuguesas, sobretudo entre os anos 40 e 70 do século passado. Nesses anos, essencialmente até ao 25 de Abril de 1974, o cineclubismo teve uma função importantíssima em vários domínios do associativismo nacional:

LAURO ANTÓNIO
CRÍTICO E REALIZADOR DE CINEMA

Foi uma inegável fonte de sensibilização para a cultura cinematográfica do povo português, através das suas sessões, com criteriosa selecção de obras a apresentar; através dos textos e das apresentações efectuadas antes dos filmes que eram facultadas aos seus sócios; através dos debates que proporcionava a seguir a muitas exibições; através do apoio ao incipiente cinema nacional, promovendo antestreias e colóquios; através da exibição, muitas vezes clandestina, de filmes que estavam proibidos pela censura, etc.

Foi igualmente uma importante forma de discussão política e social, numa altura em que as mesmas eram sistematicamente proibidas. Os cineclubes, de várias tendências, foram, no seu conjunto, uma poderosa fonte de esclarecimento e, de certa forma, de provocação sobre a opressão do regime imposto pelo Estado Novo.

A grande maioria dos cineclubes tinham direcções e orientações de frente democrática de oposição ao salazarismo, sendo que era possível verificar que o partido comunista português era, em muitos casos, aí a força dominante, pela sua capacidade organizativa. Depois, havia cineclubes de orientação católica, como o CCC, mas que facilmente se poderiam classificar de católicos progressistas. Finalmente, e vítima da cisão provocada pela exigência de um regulamento oficial imposto pelo governo, alguns cineclubes aceitaram esta obrigação, tornando-se assim “oficiosos”, mas nem desta maneira se afastando de algum criticismo (veja-se, por exemplo, o caso do Cine Clube de Rio Maior).

O cineclubismo fomentou ainda uma boa onda de associativismo, gerando uma generosa entreajuda, com um voluntariado activo que levou muitos dos melhores cinéfilos da nossa

praça a colaborar graciosamente com os diversos cineclubes espalhados pelo país.

É, pois, altura de começar a falar na minha experiência pessoal, que se iniciou logo que entrei para a faculdade de Letras, em 1961, e me inscrevi, pouco depois, no Cine Clube Universitário. Não muito tempo depois, estava a escrever uns textos para os programas, e pouco depois era convidado para a direcção do ABC Cine Clube de Lisboa, onde me mantive, nas mais diversas funções, até atingir a presidência da direcção. Foram anos de trabalho e aprendizagem, com camaradas (sim, eram quase todos camaradas, excepto eu, que nunca fui comunista), como o Manuel Neves, Manuel Machado da Luz, o David Lopes, a Maria Teresa Horta, o Raúl Boaventura e tantos outros.

Esta experiência manifestou-se profundamente enriquecedora, pela forma organizada e sistemática que obrigava a pensar e repensar o cinema. Os filmes eram integrados no seu contexto histórico, no interior de uma cinematografia, de um género, na visão global de uma obra autoral. Era-nos permitido reter de diversas obras um conjunto de características que passavam de umas para outras com certa coerência. Para um ciclo sobre western, escrevi um longo ensaio para sair num dos boletins, analisando as diferentes fases deste género, desde os iniciais filmes de cowboys, a preto e branco, até aos complexos westerns dos anos 50 e 60, carregados de influências psicanalíticas, sociológicas, políticas, etc.

Foi um magnífico período de formação, que foi muito importante para várias gerações de cinéfilos que passaram então pelo cineclubismo e que se notabilizaram depois como críticos, ensaístas, realizadores, programadores de festivais, etc. Estão neste caso nomes como os de Ernesto de Sousa, Neves Real, Manuel de Azevedo, Henrique Espírito Santo, Eurico da Costa, Vasco Granja, José Borrego, Artur Avelar, Fernando Duarte, Alves Castela, Roberto Nobre, citando apenas aqueles de que me recordo sem grandes pesquizas. Deve dizer-se ainda que algumas revistas de cinema foram criadas pelo cineclubismo, como “Imagem”, “Celuloide”, “Visor”, “Cinema”, etc. Finalmente, saiu, não há muito, um livro de memórias cineclubistas, assinado por Manuel Pina, que é uma das melhores referências destes tempos heroicos.

Ao longo da minha vida, quer como crítico, quer como realizador, devo ter passado pela grande maioria dos cineclubes do país, e mesmo de alguns fora de portas, dinamizando debates, apresentando obras, pertencendo a júris, enfim respondendo às mais diversas solicitações. De todos retenho momentos a não esquecer. Uma noite, nos anos 60, na sede do Universitário, vi pela primeira vez, estoicamente de pé, de tal forma enfaixado

que mal tinha os pés no chão, o "Couraçado Potemkin"; no Cine Clube do Porto, dirigido pelo saudoso Henrique Alves Costa, assisti e participei numa Semana de Cinema Português, histórica, que iria marcar o dealbar do Cinema Novo Português e dos Anos Gulbenkian; no ABC, a antestreia de "Belarmino", épica, entre tantas e tantas outras iniciativas inesquecíveis; no Cine Clube do Barreiro, uma sessão com Zeca Afonso, muito bem acompanha por pides vários; enfim, um nunca mais acabar de recordações...

Nessa época gloriosa do cineclubismo, onde a assistência às sessões chegava a lotações esgotadas em salas que ultrapassavam os quatrocentos lugares, exibiam-se filmes imortais, italianos, franceses, ingleses, norte-americanos, alemães, e de algumas origens mais. Eram filmes que ficaram na história do cinema e que, ainda hoje, são considerados dos melhores.

Agora fora do cineclubismo, mas mantendo-me intransigentemente na defesa de um cinema de autor, de intervenção social, de pesquiza estética e de renovação narrativa, vou continuando, enquanto crítico e realizador (em mim as duas facetas surgem indissociáveis), a organizar iniciativas que permitam preservar o melhor da história do cinema, quer seja norte-americano, quer seja de outras origens, mantendo a herança do cineclubismo, sem espartilhos ideológicos, e aberto a uma saudável diversificação de propostas.

OUVIR CINEMA

SÉRGIO DIAS BRANCO

O cinema nasceu com imagem, mas sem som — a não ser o acompanhamento musical, comum em muitas das suas sessões. O cinema sonoro, a partir de meados dos anos 1920, veio alterar a forma de fazer e exibir os filmes. O som passou a ser parte integrante da concepção e experiência cinematográficas. No entanto, continua a ser muitas vezes entendido como acessório. A matriz do cinema continua a ser reconhecida como sendo essencialmente visual, em vez de audiovisual.

SÉRGIO DIAS BRANCO
FAC. LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A mesa-redonda “Ouvir Cinema” na XXIV edição do Encontro Nacional de Cineclubes visou discutir a importância das ambiências sonoras na construção narrativa, dramática, e expressiva das obras cinematográficas. Procurou também chamar a atenção para as muitas potencialidades do uso criativo do som, nomeadamente na composição musical. Nesta conversa, participaram académicos e profissionais com reflexão e prática na área do som, que partilharam o seu conhecimento e as suas experiências: Branko Neskov, Tiago Fernandes, e Joaquim Pavão.

Branko Neskov é licenciado em Cinema pela Universidade de Artes de Belgrado, Sérvia. Começou a sua carreira profissional em 1979 como montador e trabalhou na década de 80 principalmente como engenheiro de som. Desde então, esteve envolvido na produção de mais de 250 longas-metragens nos mais variados países. Mudou-se para Portugal em 1992, e nos últimos 20 anos construiu vários estúdios de som de cinema, tanto em Portugal como no exterior, tentando contribuir para uma sólida base técnica do cinema português. É autor de vários artigos sobre a percepção do som.

Tiago Fernandes é docente nos cursos de Cinema da Universidade da Beira Interior, onde desenvolve também o seu projeto

de doutoramento em Media-Artes. É diretor de som para cinema e televisão e participou na feitura de várias curtas-metragens como *Vida Tramada* (2012) de Salvador Palma e Rui Rodrigues e *Do Outro Lado da Rua* (2014) de Pedro Bessa, documentários, séries televisivas, e filmes publicitários em Portugal, Cabo Verde, Brasil, e Reino Unido. Escreveu os manuais *Áudio para cinema e TV* e *Técnicas de captação de áudio para cinema e TV* para cursos ministrados no Instituto de Artes e Técnicas em Comunicação do Brasil.

Joaquim Pavão é guitarrista, compositor, e realizador. Compôs música para os filmes *Quatro Elementos* (2006) de Janek Pfeifer, *Poema-Colagem: Homenagem a Mário Cesariny* (2010) de Miguel Gonçalves Mendes, *A Nau Catrineta* (2012) de Artur Correia e Manuel Matos Barbosa e *15 Bilhões de Fatias de (-t)+ Deus* (2012) de Cláudio Jordão, *Foi o Fio* (2014) de Patrícia Figueiredo, *Joke* (2016) de Igor Parfenov. Como realizador, assinou *Antes que a Noite Venha: Falas de Antígona* (2017), *Miragem* (2014), o documentário *Fios de Tempo* (2013), e o vídeo musical "Drama" dos The Machine Wolf (2014).

A discussão desenvolveu-se em torno da prática profissional, da avaliação da situação portuguesa no contexto internacional, do papel da pedagogia, salientando sempre a importância do som na criação e fruição do cinema.

A prática profissional, neste e noutros campos da produção cinematográfica, deu um salto importante em Portugal nos últimos 20 anos, segundo Branko. Dispomos hoje de tecnologia e competências que não tínhamos, mas continua a faltar financiamento e recursos. Tiago mencionou que a qualidade e funcionamento do equipamento de som, nomeadamente no campo da exibição, é frequentemente esquecido em favor do equipamento de imagem, particularmente fora dos multiplexes. Joaquim referiu que os portugueses já conseguem produzir obras com alta qualidade técnica, com mais horas de trabalho, mesmo não dispondo dos equipamentos mais avançados.

Quer Branko quer Tiago confessaram que, quando começaram a estudar cinema e a trabalhar como profissionais, não se decidiram pelo som desde o início. É como se esta fosse uma área da produção cinematográfica quase invisível, só descoberta depois da prática. Neste ponto, Joaquim destacou o modo como a modulação do som molda a percepção dos espectadores. Mesmo que isso não seja plenamente reconhecido, é uma parte fundamental da experiência de um filme. Há um papel pedagógico sobre o trabalho do som que deve ser desempenhado pelas escolas e pelos cineclubes para formar bons profissionais e públicos atentos. Joaquim destacou ainda a importância de reparar nas singularidades de cada filme, de modo a experienciar aquilo que o torna único.

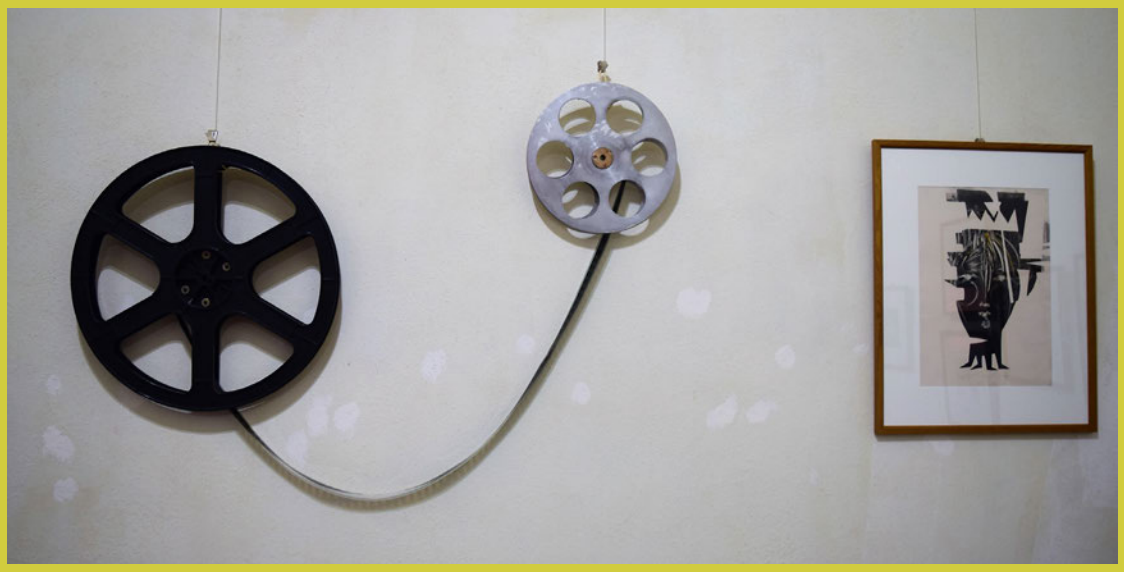
A partir de uma pergunta da assistência, cada orador escolheu uma obra recente que se tenha destacado pelo uso do som. Branko escolheu *Joker* (2019) de Todd Phillips e salientou a complexidade da mistura de som e o uso expressivo da música de época (década de 1980). Tiago chamou a atenção para a obra de um sonoplasta marcante no cinema português, cuja obra está estudar.

Trata-se de Alexandre Gonçalves, que trabalhou com vários cineastas do novo cinema, em filmes como *Belarmino* (1964) de Fernando Lopes. Joaquim optou por *Blade Runner 2049* (2017) de Denis Villeneuve, por causa da música experimental de Benjamin Wallfisch e Hans Zimmer e da densa textura sonora que inunda as imagens.

Esta é uma discussão que precisa de continuar. Neste momento, é notória a importância que o cinema português dá ao som, razão pela qual esta mesa-redonda foi tão pertinente e atual. A sofisticação na captação, mistura, e montagem do som no cinema português está patente em filmes recentes como *Variações* (2019) de João Maia, misturado por Branko, e *Bostofrio* (2018) de Paulo Carneiro, com supervisão de Ricardo Leal, mistura de Nuno Carvalho e montagem de Mário Dias.

6 | À CONVERSA COM...

ELSA CERQUEIRA é Vice-Presidente do Cineclube de Amarante e autora do projeto "Filosofia com Cinema para Crianças (FcCpC)."Licenciada e Mestre em Filosofia, é investigadora do Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente (NICA) e está a ultimar a tese em Filosofia para Crianças sobre o cinema de animação de Regina Pessoa. Tem também uma pós-graduação em Filosofia Moderna e Contemporânea e frequentou o Erasmus em Cannes "A Cannes, faites votre cinéma dans la classe". Atualmente é professora de Filosofia e Coordenadora do Plano Nacional de Cinema da Escola Secundária de Amarante.



No dia 16 de novembro foi inaugurada, na Casa da Granja em Amarante, a exposição colectiva de artistas "De tela a tela, Cineviagens", inspirada no cinema de animação. Este é um projeto que iniciei em março de 2018 porque creio profundamente que nos primórdios não era o Verbo, mas a Imagem… animada.

Pedro Sousa Pereira (*Le Voyage dans la Lune*, G. Méliès, 1902)

Na arqueologia do Cinematógrafo (1895) de Auguste e Louis Lumière encontra-se uma árvore genealógica desmesuradamente complexa e repleta de Instrumentos sérios, como por exemplo, a Lanterna Mágica que, num vai e vem entre o olhar-real e o olhar-desejo, brincam connosco o jogo dialéctico do real e do ilusório, das significações e ressignificações, das imagens fixas às imagens esvoaçantes coloridas pela imaginação. Na artesania com que se pintam as placas de vidro e nas obras urdidas por cerca não de três (uma transgressão assumida relativamente ao cartaz), mas quatro dezenas de artistas para a presente exposição há um rigor filigrânico e um amor visceral e indómito que celebram a Criação.

A ossatura desta exposição radica na exibição, ao longo de mais de uma década, de curtas metragens de animação segundo uma cumplicidade triádica: Cineclube de Amarante, Clube de Cinema e Plano Nacional de Cinema da Escola Secundária de Amarante.

Uma interrogação radical ancorou esta viagem pela Criação: e se as personagens (o argumento, as ações, os sons, os cheiros, os planos e enquadramentos, os espaços e os tempos, os movimentos) voassem da tela (cinematográfica) para a tela (pictórica)?

Reinventá-las é animá-las, dar-lhes uma outra *anima*, atribuindo-lhes outras existências e mundividências. É celebrar o uno da criação-cinema de animação, reificada na pluralidade de criadores e na diversidade das suas técnicas, como Abi Feijó, Regina Pessoa, Pedro Serrazina, José Miguel Ribeiro, Mário Gajo de Carvalho, Vasco Sá, David Doutel, Filipe Abranches, Nuno Amorim, Júlio Alves, Afonso Cruz, Paulo Patrício, Sara Azad, Joana Nogueira, Patrícia Rodrigues, Marina Estela Graça, Marcos Magalhães, Afonso Serpa, Santiago 'Bou' Grasso, Jan Švankmajer, Co Hoedeman, Koji Yamamura, Hayao Miyazaki, Kunio Kato, Dziga Vertov, Alexander Petrov, Andrey Sushkov, William Joyce, Norman McLaren, Brandon Oldenburg, Maciek Szczerbowski, Chris Lavis, Marjane Satrapi, Vincent Paronnaud, Ferenc Cakó, Sylvain Chomet, Tim Burton e Georges Méliès, este último reifica outra transgressão nesta exposição.

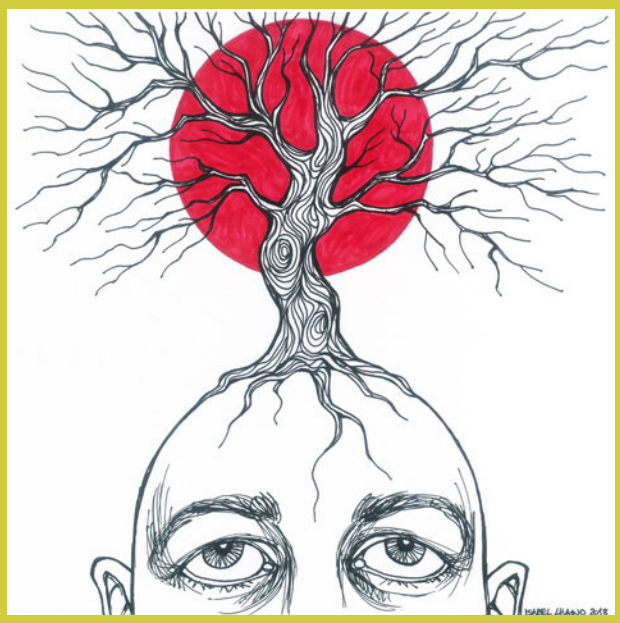
Homenagem singela ao ser e à inexorabilidade da condição e essência do(s) Criador(es) na convergência do movimento perpétuo e poético do ato de criação. Reencontros entre criadores. Cumplicidades entre linguagens artísticas. Diálogos entre criações-invenções a partir do cinema de animação. Sim, o artista plástico, tal como o animador-realizador, é um inventor.

Aos inúmeros e talentosos Artistas-Inventores que aceitaram o desafio de fruírem uma das obras fílmicas, reinventando-as, a minha "animada" gratidão. E porque me desgosta este juízo universal, que para incluir todos

os artistas os despersonaliza porque os priva do seu nome - sem pretender discutir filosoficamente qual a relação entre a linguagem e a essência do homem - é, para mim, um imperativo ético agradecer as belíssimas obras com que nos deparamos nestas cineviagens a Pedro Khron (Pedro Sousa Pereira), PAM (Paulo Ansiães Monteiro), Cinara Peralta Pisco, Sama (Eduardo Sama), Teresa Silva, Márcia Luças, Bonioso (Diogo Cardoso), Nazaré Álvares, Agostinho Santos, Joana Antunes, Karin Somers, Ana Lisa Luças, Patrícia Azevedo, Fernando Barros, Alexandre Sousa, Verena Basto, Joana Nogueira, José Miguel Pereira, Raquel Costa (Little Black Spot Studio), Paulo Araújo, Xosé Villamore, Filipe Rodrigues, Rui Oliveira, Helena Carvalho, Joana Moreira Baldaia, Júlio Cunha, Simão Costa, Catarina Pinto, José Faria, João Teixeira, Joana Torgal, Helena Soares, António Fernandes da Silva, Hugo Ribeiro, Paula Teixeira, Ricardo Cabral, Dimitri Diallo e Hanez Pelten. Agradecimentos extensivos ao Cineclube de Amarante (Manuel Carvalho e Paulo Martins), ao Clube de Cinema e ao Plano Nacional de Cinema da Escola Secundária de Amarante, sem os quais miríades de iniciativas jamais teriam sido realizadas.

Alguns Cineviajantes são afamados e as exposições são a prova ontológica das suas criações; outros, são jovens (ex-alunos ou alunos da Faculdade de Belas Artes) que outrora participaram em iniciativas promovidas pelo Cineclube de Amarante e pelo Plano Nacional de Cinema que coordeno. A beleza desta exposição resulta também deste diálogo e partilha intergeracional que o Cinema, enquanto arte inclusiva, proporciona.

Isabel Lhano (*Atama Yama*, Koji Yamamura, 2002)



Raquel Costa (*Wind*, Robert Lobel, 2013)

E porque sou apaixonada pelos vários projetos que enceto, não resisti e coloquei na exposição pequenos fragmentos de outras "cineviagens": as luas de Méliès pintadas pelos meninos da turma SG2A da EB n.º2 de Amarante, o coração urdido pelos "Cineséniores" do Clube de Cinema "Juventude cinéfila", residentes da Casa da Boavista, residência sénior ; um painel em madeira com colagens alusivo à "História Trágica com final Feliz" de Regina Pessoa, dos meninos da EB1 Bela Vista, Cepelos, e uma serigrafia e uma "mala-instalação" fruto de cumplicidades entre o "Kali, o pequeno vampiro" e os alunos e professores de educação especial. Bobines, caixas de bobines, películas de filmes em 35mm habitam esta exposição que tem o seu cartão de visita num trailer animado concebido pelo meu amigo cinéfilo Paulo Martins.

Artistas e (outros) contempladores activos e criativos desta exposição enviaram-me algumas palavras sobre as suas fruições. Transcrevo o contributo "desinteressado", no sentido kantiano do termo, de Márcia Peixoto, uma jovem a frequentar o 1.º ano de doutoramento em Ciências Biomédicas no ICBAS. A Márcia foi minha aluna da disciplina de Filosofia, começou a frequentar o Cineclube de Amarante e, agora, encontramo-nos, amiúde, em Festivais de Cinema, como ontem na inauguração do Porto/Post/Doc ou no Beast International Film Festival ou na programação regular do Cinema Trindade no Porto. A Filosofia e o Cinema uniu-nos, potenciando a amizade. E que testemunho bonito me enviou sobre a exposição:

"De Tela a Tela, Cineviagens" é uma viagem com partida no onírico mundo do cinema de animação, com passagem obrigatória pelo imaginário de 39 artistas e que segue caminho até quem a visita, por enquanto, na Casa da Granja, em Amarante.

O cinema de animação, sendo talvez a única forma de arte cujos únicos limites que se lhe impõe são os do seu próprio criador, atreve-se a concretizar o impossível. Carnes apaixonadas, corações que batem tão alto que acordam os pássaros, cadeiras dançantes, viagens à lua, árvores que vão crescendo nas nossas cabeças...

E porque a obra de arte não se prontifica necessariamente no momento da sua criação, podendo ser continuada por quem ousa pensá-la, os artistas convidados foram desafiados a entrar nas obras e tirarem um bocado delas para si. Numa exposição onde há telas que não precisam de legenda para nos esclarecer a sua inspiração e as restantes incitam a conhecer os respectivos filmes, esta bela viagem é talvez pela busca do seu próprio destino."

Dado que honrar o Cinema é assumir o carácter dinamogénico e vitalmente necessário do movimento, despreocupem-se se falharam este convite para vagabundearem "De tela a tela" em Amarante, porque se trata de uma exposição itinerante e aberta quer a outras criações, quer a solicitações para ser [muito bem] acolhida e fruída noutros espaços, noutros lugares, por outras gentes.

Boas Cineviagens. Até breve.

Catarina Pinto (*Ossudo*, Júlio Alves, 2007)

Teresa Silva (*Estória do Gato e da Lua*, Pedro Serrazina, 1995)

DIA DO CINECLUBE

PAULO CUNHA

Vinte e três cineclubes de todo o país celebraram, a 14 de abril de 2019, o Dia do Cineclube, uma iniciativa instituída pela Federação Portuguesa de Cineclubes (FPCC) que contou com o apoio do ICA – Instituto do Cinema e do Audiovisual.

A data escolhida – 14 de Abril – simboliza o anúncio da fundação do primeiro cineclube a nível mundial, que ocorreu em Paris, em 1907, pelas mãos de Edmond Benoît-Lévy (1858-1929), director da revista *Phono-Ciné-Gazette* e, por "feliz coincidência", também o aniversário do Cineclube do Porto (13 de abril de 1945), o cineclube português com uma atividade mais longa.

É objetivo da FPCC que o Dia do Cineclube possa ser adoptado pela Federação Internacional de Cineclubes como um Dia Internacional do Cineclube, de forma a que seja celebrado em todo o mundo.

PAULO CUNHA
DEPARTAMENTO DE ARTES DA
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Esta celebração pretende dar visibilidade ao trabalho, muitas vezes invisível, que é feito pelos cineclubes portugueses em favor da cultura cinematográfica e destacar um importante legado que remonta aos anos 40 do século XX.

Os 23 cineclubes que aderiram à iniciativa disponibilizaram aos seus associados um texto escrito pela FPCC "sobre o papel dos cineclubes", sendo que a expectativa é que em edições futuras sejam convidadas pessoas ligadas ao cinema para escrever o texto para a comemoração.

As iniciativas do Dia do Cineclube decorrerão entre os dias 12 e 18 de abril, com exibição de películas, debates e filmes musicados ao vivo por 23 cineclubes de norte a sul do país e nos Açores. A iniciativa teve assim "desdobramentos" variados em todo o país, destacando precisamente a diversidade e a vitalidade do movimento, com sessões de cinema com filmes de diferentes épocas e géneros: "Roma" (2018) em Abrantes; "Bohemian Rhapsody" (2018), de Bryan Singer, em Amarante; "Girl: O Sonho de Lara" (2018) em Angra do Heroísmo; "Magister"

Entrar Assine já Em casa

ÍPSILON › MÚSICA CINEMA TEATRO DANÇA LIVROS ARTES ARQUITECTURA DESIGN TV LEITURAS

ípsilon

TORNE-SE PERITO

CINEMA

Federação institui 14 de Abril como Dia do Cineclube

Iniciativa da Federação Portuguesa de Cineclubes evoca a data da fundação do primeiro cineclube mundial, em França, em 1907, pelas mãos do director da revista *Phono-Ciné-Gazette*. Programa decorre de 12 a 18 de Abril em todo o país.

Lusa · 11 de Abril de 2019, 15:52

76 PARTILHAS

SAPOMAG ≡ MENU

Federação Portuguesa propõe 14 de abril para Dia Internacional do Cineclube

SAPO MAG / LUSA · 12 ABR 2020 23:11 · ATUALIDADE

A Federação Portuguesa de Cineclubes (FPCC) propôs à Federação Internacional de Cineclubes (FICC) o estabelecimento do dia 14 de abril como data internacional a ser comemorada, anunciou hoje aquela instituição.

(2018) em Avanca; "A Pereira Brava" (2018) em Barcelos; "Casting" (2017) no Barreiro; "Outros amarão as coisas que eu amei" (2015) e "O último dos Homens" (1924) em Coimbra; "Um Grito na Noite" (1948), de Carlos Porfírio, em Faro; "Correio de Droga" (2018) em Guimarães; "Blade Runner: Perigo Iminente" (1982), de Ridley Scott, no Porto; "As Cinzas Brancas mais puras" na Póvoa de Varzim; "Aurora" (2014) em Lisboa; "Mais um dia na vida" (2018) em Santarém; "Utoya 22 de julho" em Torres Novas; "O Vento" (1928), de Victor Sjostrom, em Viseu; "Todos Sabem" (2018), de Asghar Farhadi, em Viana do Castelo; "Dogman" (2018) em Vila do Conde; "A Filha do Poceiro" em Vila Nova de Famalicão; ou "Blow Up - História de um Fotógrafo" (1966), de Michelangelo Antonioni, em Setúbal, entre outros.

A iniciativa foi amplamente divulgada pela comunicação social nacional, com destaque na imprensa escrita (Público, Diário de Notícias, TimeOut), na rádio (TSF, Antena 3) e na televisão (RTP).

Lista de Cineclubes participantes:

. ABC - Cineclube de Lisboa
. Ao Norte - Associação de Produção e Animação Audiovisual
. Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra
. 50 cuts - associação cinematográfica
. Cine Clube de Avanca
. Cine-Clube da Ilha Terceira
. Cineclube de Amarante
. Cineclube da Bairrada
. Cineclube do Barreiro
. Cineclube de Faro
. Cineclube de Guimarães
. Cineclube de Joane
. Cineclube de Santarém
. Cineclube de Tavira
. Cineclube de Torres Novas
. Cineclube de Vila do Conde
. Cineclube de Viseu
. Clube Português de Cinematografia – Cineclube do Porto
. Fila K Cineclube
. Octopus - Associação Cultural
. Palha de Abrantes
. Plano Extraordinário - Clube de Cinema
. Zoom Associação Cultural

Diário de Notícias

INÍCIO / LUSA

Federação institui o Dia do Cineclube para celebrar a atividade cineclubista

Redação, 10 abr 2019 (Lusa) - Vinte e três estruturas de todo o país vão celebrar o Dia do Cineclube, uma iniciativa instituída pela Federação Portuguesa de Cineclubes (FPCC) e que vai ser comemorada pela primeira vez este ano.

Lusa
10 Abril 2019 — 16:12

TÓPICOS
• nacional

As iniciativas do Dia do Cineclube (14 de abril) vão decorrer de sexta-feira até 18 de abril, com exibição de películas, debates e filmes musicados ao vivo por 23 cineclubes de norte a sul do país e nos Açores, disse à agência Lusa o vice-presidente da FPCC, Carlos Coelho.

O Dia do Cineclube é comemorado este ano pela primeira vez, sendo que a organização quer "fazer transportar a ideia para a

Mais Cinema

Dia do Cineclube celebrado pela primeira vez a 14 de abril

A iniciativa visa promover o cineclubismo e celebrar a atividade dos diversos cineclubes que divulgam e debatem a sétima arte.

O Dia do Cineclube comemora-se pela primeira vez a 14 de Abril de 2019. A iniciativa, promovida pela Federação Portuguesa de Cineclubes (FPCC), estende-se pela semana de 12 a 18 de abril, pretende ser um momento de celebração da actividade cineclubista, lembrar o seu contributo histórico, social, educacional e cultural e promover um olhar singular e crítico próprio da actividade cineclubista.

A festa do "Dia do Cineclube" vai percorrer o país de norte a sul, passando pelos Açores. Além da exibição de cinema, o evento conta ainda com tertúlias, debates e cine-concertos.

Portugal Mundo Desporto Futuro Em Direto

CINEMA

Um Dia do Cineclube para "valorizar o trabalho de todos, ao mesmo tempo"

Celebra-se este domingo, pela primeira vez, o Dia do Cineclube. A data não foi escolhida ao acaso e pretende dar visibilidade ao trabalho que é desenvolvido e prestar uma homenagem ao que os une: o Cinema.

SILÊNCIO, QUE SE VAI OUVIR JAZZ

AGNÈS PELLERIN

“Silêncio, que se vai ouvir jazz”: dicotomias musicais em Belarmino (Fernando Lopes, 1964)

AGNÈS PELLERIN
LABORATOIRE ESTCA, UNIVERSIDADE PARIS 8

O segundo filme das produções Cunha Telles, inspirado pelo *Free cinema* inglês e pela *Nouvelle vague* francesa, propõe um retrato do engraxador e pugilista lisboeta Belarmino Fragoso, cuja tela de fundo é o universo do jazz - música cosmopolita já associada naquela época aos movimentos contestatários contra a ditadura. A banda sonora foi composta por Manuel Jorge Veloso, fundador do Hot Clube Portugal e algumas sequências foram rodadas na histócia cave da Praça da Alegria, confirmando a cinegenia do género.

O filme reflete o poder da "mutação das regras" incarnada pela improvisação musical no jazz[1], verdadeiro sopro de liberdade num país espartilhado pela ditadura. Logo nos primeiros planos do filme, a entrada em cena do personagem sugere a oposição entre a energia coreográfica do boxe, lembrando o sapateado do musical, e a reverberação claustrofóbica dos impactos sonoros da sala de treino. Já no genérico, o filme assenta no poder do jazz enquanto nova componente fílmica, orquestrando a montagem e o enquadramento, anunciando o retrato fraccionado, incompleto e experimental de um "campeão nato" mas condenado à miséria. Nos numerosos planos exteriores do filme, o jazz, misturado com os sons do espaço público, soa como uma promessa de felicidade, ritmando as *flâneries* do personagem pelas ruas da cidade reinventada pelo cinema.

O carácter instrumental da banda sonora prolonga a experiência já iniciada no ano anterior pelo filme *Os Verdes anos*, de Paulo Rocha, através das composições para guitarra e viola de Carlos Paredes, demonstrando o papel fulcral da música na construção da modernidade do Cinema novo[2]. Aqui a ausência da voz cantada remete de forma explícita para o estatuto problemático da palavra dita, óbvio na entrevista que estrutura o filme, realizada, quase à maneira dum interrogatório policial, pelo jornalista Armando Baptista-Bastos, « voz

1. Gilles Mouëllic, « Le jazz au rendez-vous du cinéma : des Hot Clubs à la Nouvelle Vague », *Revue française d'études américaines*, Hors série, décembre 2001, pp. 100-103.

2. Paulo Cunha, « O papel da música na construção dum sentido moderno do Novo cinema português », Comunicação no colóquio O artista como Intelectual. No centenário de Fernando Lopes-Graça, CEIS20/Grupo « Correntes artísticas e Movimentos Intelectuais », Coimbra, 26-29 Abril 2006.

in temível (...) do pequeno jogo de perguntas-respostas »[3] que põe em causa os limites dum cinema-verdade: o Belarmino revela a "mentira da sua confissão"[4], afirmando por exemplo que não passa fome, mesmo que "às vezes tenha vontade de comer".

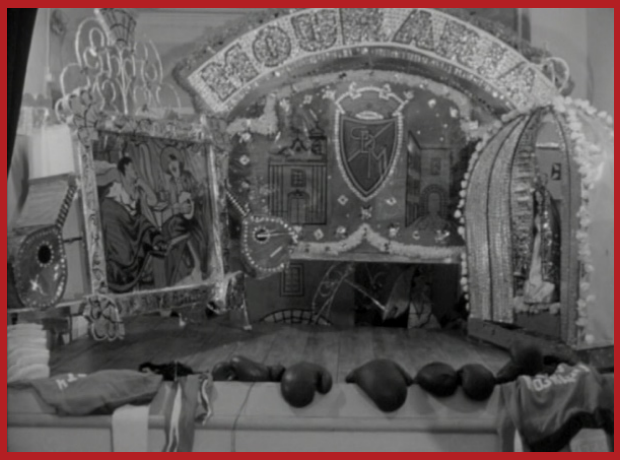
A canção, objecto musical estruturado pela inteligibilidade do texto, e marca essencial do "velho cinema", parece naturalmente afastada de um projeto estético que põe a nu a ambiguidade da linguagem. No entanto, em paralelo ao jazz, o fado surge da vida quotidiana do personagem e enquanto referência imediata dele; mas isso sem nenhuma alusão sonora. Primeiro, um plano rodado no Grupo desportivo da Mouraria, incluindo guitarras portuguesas postiças enquadrando uma reprodução da pintura de Malhoa, parece ilustrar a tríade quase perfeita dos "3 efes", incluindo uma virgem de Fátima e... luvas de boxe, desporto de combate que, substituindo o futebol, vem subverter os supostos "3 pilares" do regime. Além disso, no seu próprio discurso, o Belarmino identifica-se a duas figuras populares do fado, Amália Rodrigues e Carlos Ramos – nervosos quando

3. Serge Daney, « L'orgue et l'aspirateur », dans *La rampe : Cahiers critique 1970-1982*, Paris édition de l'Etoile 1996, p. 173.

4. José Manuel Costa, in *Cinema Novo Português 1960-74*, Lisboa, Cinemateca Portuguesa, 1985, p. 120.

entram em palco como ele no ring.
Por último, um plano do filme destaca, na fachada do cinema Eden, o cartaz de *O Miúdo da Bica* (Constantino Esteves, 1964) através de um contra-picado que sugere o olhar subjetivo do Belarmino - verdadeira assinatura dum cinema que procura distinguir-se do modelo do entretenimento musical e inventar os seus próprios heróis, sejam eles "negativos" tal como o boxeur caído Belarmino.

No filme, o silenciamento do fado - a aparente « transplantação » musical do personagem para o jazz - poderia ser visto como uma marca do mero "oposicionismo" do Cinema Novo[5], em relação às identidades tradicionais veiculadas pelo fado, emblema acústico do país. Mas ao mesmo tempo, o filme, relegando o fado a uma presença mais subterrânea cria uma forma de proximidade entre os dois géneros musicais que, para além das fronteiras, partilham o mundo da noite, a arte da improvisação e a herança de mestiçagens seculares características das marginalidades urbanas : dois « mundos fechados, cuja linguagem codificada necessita uma iniciação prévia » e onde o indivíduo prova que « não se apaga na criação colectiva »[6].



5. Paulo Monteiro, « Uma margem no centro: a arte e o poder do "novo cinema" » in Luis Reis Torgal (coord.), *O cinema sob o olhar de Salazar*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.

6. Mouëllic, *op. cit*, 2001, p. 101.

8 | VÁRIA

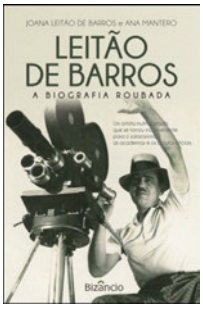
"Jogo de Mão"

Editado em parceria pela Academia Portuguesa de Cinema, que prossegue a sua colecção dedicada ao cinema português, e pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, foi lançado ao público, no dia 5 de abril de 2019, na livraria Linha de Sombra, em Lisboa, a edição em DVD do filme "Jogo de Mão". Segunda longa-metragem de Monique Rutler, o filme divide-se em quatro episódios, unidos por um espectáculo de títeres, que conta quatro histórias de vários submundos onde se cruzam gente simples que complica tudo, intelectuais que pensam pouco, velhos libidinosos que fazem a corte a jovens cantadeiras de fado, estudantes que já não sabem o que fazer, duros que têm o coração mole e ingénuas com alma de prostitutas.

Nascida em França, Monique Rutler chegou a Portugal no final dos anos 60, tendo estudado cinema no Instituto de Novas Profissões e na Escola Superior de Cinema do Conservatório Nacional. Participa como montadora em "As Armas e o Povo" (1975), em "Terra de Pão, Terra de Luta" (José Nascimento, 1977), "Francisca" (1981, Manoel de Oliveira) e para várias produções da Cinequipa para a RTP. Em 1979, estreia-se na realização com "Velhos são os trapos", tendo realizado ainda uma terceira longa-metragem, "Solo de Violino" (1989).

"Uma Dramaturgia de Violência: Os filmes de João Canijo"

Da autoria de Daniel Ribas, professor e programador de cinema, esta obra analisa a obra fílmica de João Canijo e a sua relação com as representações da identidade nacional. Num primeiro momento, propõe uma revisão bibliográfica sobre a identidade cultural portuguesa, em diversas dimensões (histórica, literária e antropológica), ressaltando, sobretudo, a importância da ideologia salazarista e a tensão identitária do momento contemporâneo. No segundo momento, ensaia uma análise a oito longas-metragens do realizador, propondo a ideia de uma dramaturgia da violência, através de um exercício intertextual com a tragédia grega e o melodrama cinematográfico, que pretende dar conta de um imaginário português contemporâneo. Na sua reflexão, Daniel Ribas destaca a importância de conceitos como a não-inscrição, de José Gil, ou o recalcado, de Eduardo Lourenço. O livro é uma edição da Imprensa de História Contemporânea, que conta com um prefácio do curador e arquivista Tiago Baptista.

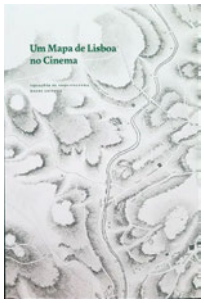


“Leitão de Barros.
A Biografia Roubada”

“Muitos dos documentos, folhas desordenadas em pastas cujo conteúdo já não coincidia com o nome, eram manuscritos. Comecei então a ler o avô de que me não lembro. Devagar, tropeçando na letra que me era estranha, pesquisando interlocutores e contexto. Os dossiers que diziam respeito à Nau de São Vicente estavam intactos e parti daí, apenas porque me permitiam uma sequência. Estava afinal a descobrir a maior luta e frustração da sua vida.”

Figura maior da história do cinema português da primeira metade do séc. XX, o cineasta Leitão de Barros é o biografado nesta edição da Bizâncio, assinada por Joana Leitão de Barros e Ana Mantero, ambas netas do realizador que, durante sete anos, exploram documentação inédita proveniente do espólio familiar. Joana Leitão de Barros esclarece que esta biografia não tem qualquer objetivo de justificar a vida do avô e as suas relações de proximidade com diversas figuras do Estado Novo, em particular com António Ferro, dirigente do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN).

Ao longo de 350 páginas, esta biografia percorre os momentos mais criativos da vida pública de Leitão de Barros, desde o seu envolvimento com o cinema, com o turismo, o urbanismo ou com os espectáculos de rua. No caso do cinema, que aqui nos interessa mais, o livro descreve detalhadamente as viagens pela Europa no final dos anos 20, a criação da Tobis, os grandes êxitos cinematográficos com “A Severa” (1931), “As Pupilas do Senhor Reitor” (1935), “Maria Papoila” (1938) ou “Camões” (1946), mas também o “desastre” que foi “Vendaval Maravilhoso” (1949).



“Um Mapa de Lisboa
no Cinema”

Coordenado por Inês Sapeta Dias, Alexandra Areia e Inês Monteiro, com edição partilhada pela Dafne Editora e Arquivo Municipal de Lisboa/Videoteca da Câmara Municipal de Lisboa, “Um Mapa de Lisboa no Cinema” é uma deambulação pela cidade através das imagens e ideias de uma série de filmes que serviram de base ao ciclo de cinema “Topografias Imaginárias”, que tem vindo a ser organizado desde 2015 pela Videoteca do Arquivo Municipal de Lisboa: “Crónica dos Bons Malandros”, “Três Palmeiras”, “O Estado das Coisas”, “Ruínas”, “Doc’s Kingdom”, “Ninguém Duas Vezes”, “Recordações da Casa Amarela”, “Divina Comédia”, “Corte de Cabelo”, “Mal”, “O Fantasma”, “Os Mutantes” e “Xavier”.

Este mapa cinemático resulta então da sobreposição de duas topografias – a topografia dos filmes e a topografia da cidade – que foi sendo com intervenções de Ana David, Ana Vaz Milheiro, Eduardo Brito, Filipa Reis, Filipa Rosário, Francisco Ferreira, João Botelho, João Miller Guerra, João Nicolau, João Rosas, João Rosmaninho, Joaquim Pinto, Joaquim Sapinho, Jorge Figueira, Jorge Silva Melo, José Manuel Costa, José Manuel Fernandes, José Maria Assis, Luís Alves de Matos, Luís Ferro, Luís Miguel Oliveira, Luís Santiago Baptista, Manuel Graça Dias, Manuel Mozos, Maria João Seixas, Nélio Conceição, Nuno Lisboa, Patrícia Santos Pedrosa, Paulo Catrica, Paulo Cunha, Pedro Jordão, Regina Guimarães, Rui Mendes, Rui Poças, Susana Nascimento Duarte e Susana Ventura.

CINEMA

N.º 46 —DEZEMBRO 2019
REVISTA DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CINECLUBES

A revista CINEMA é uma publicação da Federação Portuguesa de Cineclubes (FPCC). O seu primeiro número foi lançado em 1982 e tem sido um meio de divulgação, de debate e promoção do cinema e do mundo cineclubista, dando particular atenção à actividade cinematográfica nacional e ao trabalho dos cineclubes portugueses.

REVISTA CINEMA
DIRECTOR HONORÁRIO —Henrique Alves Costa
DIRECTOR —Paulo Cunha

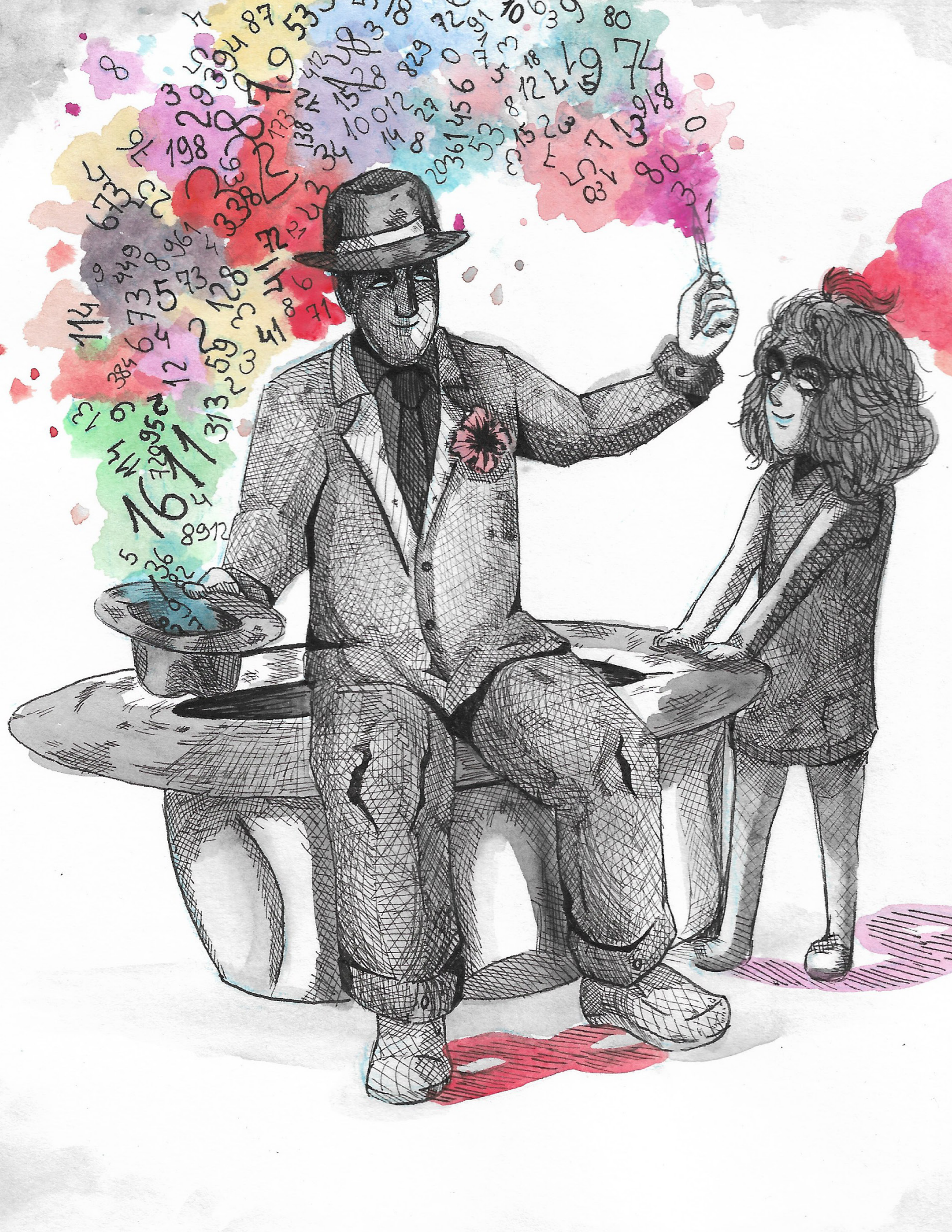
www.fpcc.pt
revistacinema@fpcc.pt

EDIÇÃO E PROPRIEDADE
Federação Portuguesa de Cineclubes,
Rua de S. Pedro, Edifício Carneiro
2200-398 Abrantes (Portugal)

REGISTO DGCS: 109120
DEPÓSITO LEGAL: 88347/95
ISSN 2184-5956

TEXTOS*
Agnès Pellerin
Elsa Cerqueira
Joana Isabel Duarte
João Paulo Macedo
Lauro António
Paulo Cunha
Sérgio Dias Branco
Vítor Cardoso

REVISÃO
Paulo Cunha

DESIGN
Rita Nashe

*Os textos assinalados são da responsabilidade dos respectivos autores e expressam a sua opinião. Os textos da secção Cineclubes em revista são da responsabilidade dos próprios cineclubes. Os restantes textos são da responsabilidade da direcção da revista CINEMA.